



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

IARTE – INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Júlia Leão Souza

*Diário de mergulho:*

*Primeiras imersões no ensino do teatro para crianças de uma  
graduanda e professora*

Trabalho de Conclusão de Curso

Graduação

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

IARTE – INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Júlia Leão Souza

**DIÁRIO DE MERGULHO: PRIMEIRAS IMERSÕES NO ENSINO DO TEATRO PARA  
CRIANÇAS DE UMA GRADUANDA E PROFESSORA**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, da graduação em licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de conhecimento: Artes Cênicas | Teatro

Orientador: Prof. Dr. Wellington Menegaz de Paula

UBERLÂNDIA

2021

## AGRADECIMENTOS

À todas as crianças que já passaram por mim.

Ao Ivo e Oto, por me apresentarem o RPG e sempre toparem uma nova aventura comigo.

À Carol e Brenda, por trazerem doçura aos "Caçadores do Vento".

À minha mãe e meu pai, Helem e Jairo, por me proporcionarem a melhor vida que eu poderia ter, mas principalmente meu pai, por todos os momentos em que me levou em todos os lugares que precisei sem hesitar.

À minha madrinha, Tatá, pelo afeto, amor e cuidado.

Aos meus irmãos, Fernando e João Neto, por serem os melhores.

À Mariana e Lucas, pelos apoios durante essa caminhada.

À Renata Paixão, por estar sempre comigo em todos os momentos, segurando minha mão e entendendo as minhas loucuras.

Aos meus amigos que estiveram comigo em todos os choros de angústia ou de alegria. Vocês sabem quem são.

Ao Tom Menegaz, pela gentileza de me orientar em poucos meses e sempre me passar a confiança que eu precisava.

À mim mesma (pode?), pela perspicácia de menina que eu guardo dentro do peito.

## RESUMO

Este trabalho final trata-se de uma pequena viagem pela minha trajetória acadêmica como atriz e professora, trazendo processos realizados com crianças ao longo desses anos. Como foco, analiso dois processos que realizei ao longo de um ano. Nestas experiências, desenvolvo uma investigação sobre as partes similares do Drama e do RPG, relacionando as duas abordagens e as ressignificando como um só jogo. Também levo em consideração o protagonismo da criança em relação as decisões tomadas enquanto jogadora.

**Palavras-chave:** Drama. RPG. Teatro com crianças. Protagonismo infantil. Jogo.

## **ABSTRACT**

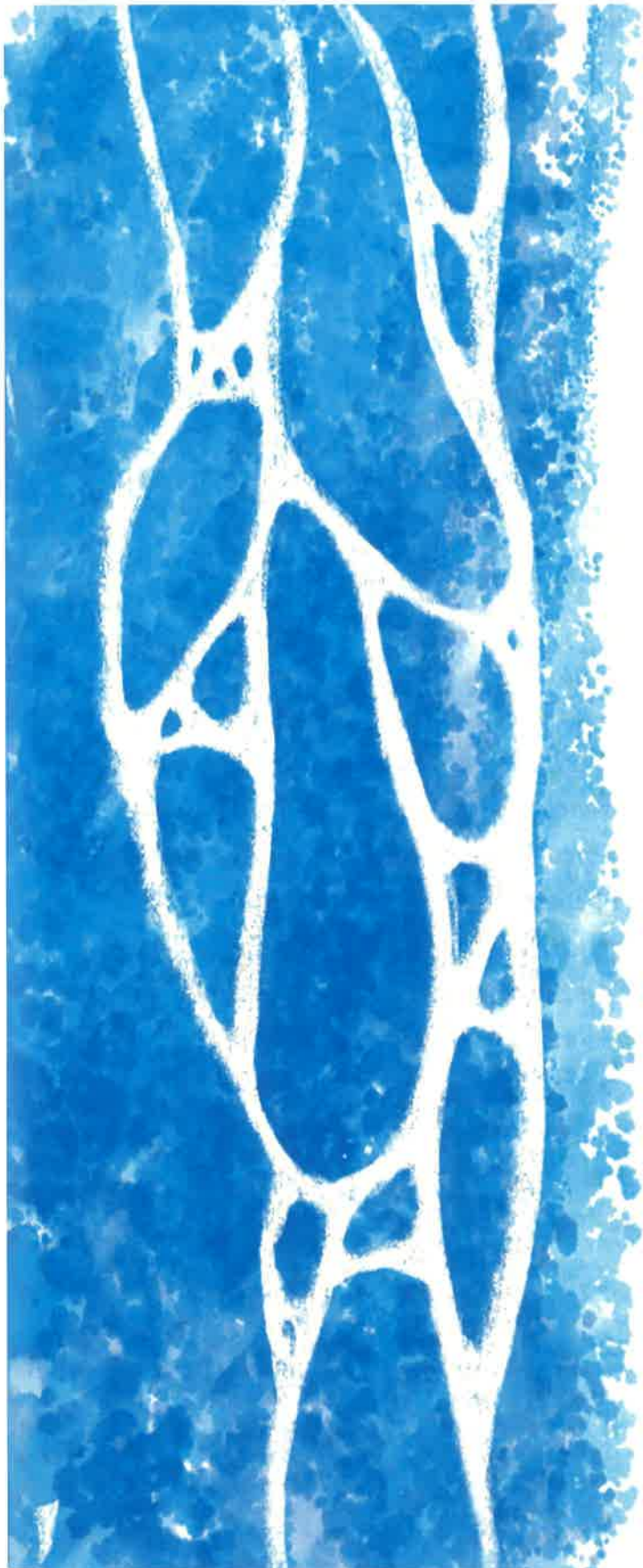
This final work is a short trip through my academic trajectory as an actress and teacher, bringing processes carried out with children throughout these years. As a focus, I analyze two processes that I carried out over the course of a year. In these experiences, I develop an investigation about the similar parts of Drama and RPG, relating the two approaches and resignifying them as one game. I also take into consideration the child's protagonism in relation to the decisions made as a player.

**Keywords:** Drama. RPG. Drama with children. Child protagonism. Game.

## SUMÁRIO

INTERLÚDIO Nº 1 .....	07
1. AS DESCOBERTAS DE MIM .....	10
INTERLÚDIO Nº 2 .....	13
2. CAMINHO ATÉ A PESQUISA OU INÍCIO DO PRIMEIRO MERGULHO .....	16
3. DRAMA Nº 1: A CARTA DO VENTO .....	23
INTERLÚDIO Nº 3 .....	34
4. DRAMA Nº 2: OS CAÇADORES DE CRISTAIS .....	37
INTERLÚDIO Nº 4 .....	57
5. MERGULHO FINAL (NÃO O ÚLTIMO) .....	60
REFERÊNCIAS .....	63





*interludio*

*n° 1*



Queride pessoe<sup>1</sup> que está lendo essa monografia, meu nome é Júlia Leão e eu tenho muita dificuldade em manter o foco, mas prometo tentar. Eu falo demais, tomo muito sorvete (de chocomenta), meu animal preferido é baleia por dois motivos: o primeiro é pelo coração persuasivo. O coração de uma Baleia Azul bate tão alto que pode ser escutado em até três quilômetros de distância; O segundo motivo é porque elas se comunicam cantando (fico imaginando o musical que seria viver rodeada delas). Eu leio e esqueço o que acabei de ler, fico o tempo todo de fone de ouvido (hábito nada saudável), sou obcecada em conteúdo de *true crime*<sup>2</sup>, gosto que as coisas tenham a minha cara (não literalmente), sou palhaça (literalmente), produtora cultural (às vezes), bordadeira, faço um brownie muito bom (vocês irão descobrir que é verdade), fã de *boygroup*<sup>3</sup> (*guilty pleasure*<sup>4</sup>), adoro parênteses (me sinto em um filme, sabe? A cena acontecendo e a voz de narrader ao fundo) e para finalizar: essa é minha quarta e última tentativa de TCC.



Última.

Então, é melhor você ir se preparando porque eu tenho muita coisa a dizer/escrever. Preciso contar as minhas experiências, boas e ruins. Quero que você conheça as crianças que me atravessaram e me fizeram pensar em algo completamente fora da minha realidade e tudo o que rolou fora dessa caixinha. Nesta monografia, você irá ler sobre uma garota que foi arrastada por uma onda imensa em que ela preferiu mergulhar para o fundo do oceano ao invés de se debater e se afogar na superfície ou se encalhar na areia da praia. Não fiquem assustados pois apesar de grande (a onda, não a garota) o estrago não foi muito. Houve três mergulhos longos em águas com temperaturas diferentes, com espécies de vidas marinhas distintas. É, foi cansativo..., mas único. E são as reflexões desses três mergulhos que registrei nessa monografia: o primeiro, meu encontro com o teatro para e com crianças; O segundo, a loucura e pânico de ser professora de ensino remoto; O



<sup>1</sup> Nesta monografia, optei por utilizar o gênero neutro em algumas passagens e as variações de masculino e feminino em outras. Com isso, busquei explorar a diversidade de gêneros existentes em nossa sociedade.

<sup>2</sup> Conteúdo sobre crimes reais.

<sup>3</sup> Grupos de música, por exemplo: One Direction, The Beatles, BTS, Backstreet Boys.

<sup>4</sup> Prazer culposos.

terceiro, a descoberta do Drama e do RPG. Vale destacar que essa divisão é só para auxiliar você, leitor, nos entendimentos das minhas imersões, pois, na verdade, elas aconteceram muitas vezes simultaneamente. Como uma ostra, a pérola são algumas (muitas) “pirações” da minha cabeça, a começar por agora, com esse primeiro interlúdio.



No percurso dessa escrita foram escutadas algumas milhares de músicas, consumidos dezenas de litros de café ou chá, quinhentos potes de sorvete, lágrimas à vontade e uma pitada de sofrimento antecipado, então, para uma experiência completa, eu sugiro que tenha uma bebida por perto, um snack gostosinho e uma boa playlist... caso não tenha, segue a minha:



Figura 1: QR CODE que leva a playlist sugerida pela autora. Fonte: acervo pessoal.

Esse é nosso primeiro QR CODE de alguns que ainda virão, portanto, caso você não saiba como usar um, sem pânico! É simples: abra a câmera de seu celular e aponte para o código, ele irá te levar a um link, então, é só clicar e aproveitar.

Agora, permita-se mergulhar comigo.



1.  
*as descobertas  
de mim*

Tudo começou com uma história doida de um tal de vento. História, não. Era uma carta! Uma carta endereçada a todos meus alunos na época.

Comecinho de 2020. Eu havia iniciado o ano da melhor maneira: empregada em dois lugares diferentes como professora. Foi como uma realização, como se tudo estivesse se encaixando. Eu havia me descoberto como professora há pouco tempo, durante os estágios na universidade, antes disso já havia me imaginado dando aula algumas vezes, mas nada que eu realmente tivesse acreditado que poderia se concretizar. Achava que lecionar era uma profissão meio infeliz, sem apoio e por tantas vezes desprezada. Não me via em uma sala de aula. Não me lembro exatamente quando decidi que seguiria essa profissão porque as coisas foram acontecendo, assim, meio de uma hora para a outra, e quando vi, já era. Mas me lembro bem da primeira vez em que decidi que eu não seria uma professora: foi no Jardim II (assim se chamava na época) e uma colega de turma, que se sentava ao meu lado e irei chamar de Ana, teve um surto de raiva e avançou na professora. Não me lembro de como a situação chegou naquele ponto, mas foi como se tudo tivesse acontecido em câmera lenta. Recordo-me do exato momento em que Ana, que estava extremamente chateada com alguma coisa, empurrou com força sua mesa, jogando tudo no chão, e, como um animal muito enraivecido, pulou em cima da professora puxando seus longos cabelos grisalhos que quase sempre estavam soltos, mas naquele dia em específico eram adornados com grampos pretos de *strass* nas pontas. Alguns sons daquele momento não me deixam esquecer o desespero da turma. A mesa arrastando no chão verde causando arrepio aos ouvidos alheios, as canetinhas voando para todos os lados, os grampos arrebatados no chão e os gritos. O meu grito. O grito da professora. O grito de Ana. Os gritos de vinte e tantas crianças e depois mais gritos vindos do lado de fora da sala. Houve um momento de calma, sem gritos, quando Ana foi agarrada por três adultos, mas não era silêncio absoluto, pois havia um choro.

O choro calmo e silencioso da professora.

O choro estrondoso de Ana ecoando pelo pátio.



Hoje eu entendo que talvez Ana só precisasse de um apoio imediato que a professora não conseguiu suprir, o que é completamente compreensível, pois estávamos em vinte e cinco crianças dentro da sala, vinte e cinco seres pulsantes, enérgicos e energéticos precisando de um apoio exclusivo, mesmo que fosse mínimo. Não acho que esse tipo de apoio era o tipo dado por um professor ou uma professora. Talvez Ana não tivesse apoio algum em casa e levasse grandes frustrações para a pequena sala, e muito talvez ninguém tenha percebido isso até que ela explodisse e, infelizmente, atacasse a regente da turma com um lápis de cor qualquer. Ana não voltou para a escola depois disso. A professora pegou uma licença de alguns dias para se recuperar do susto e voltou como se não fosse mais a mesma, e de fato não era.

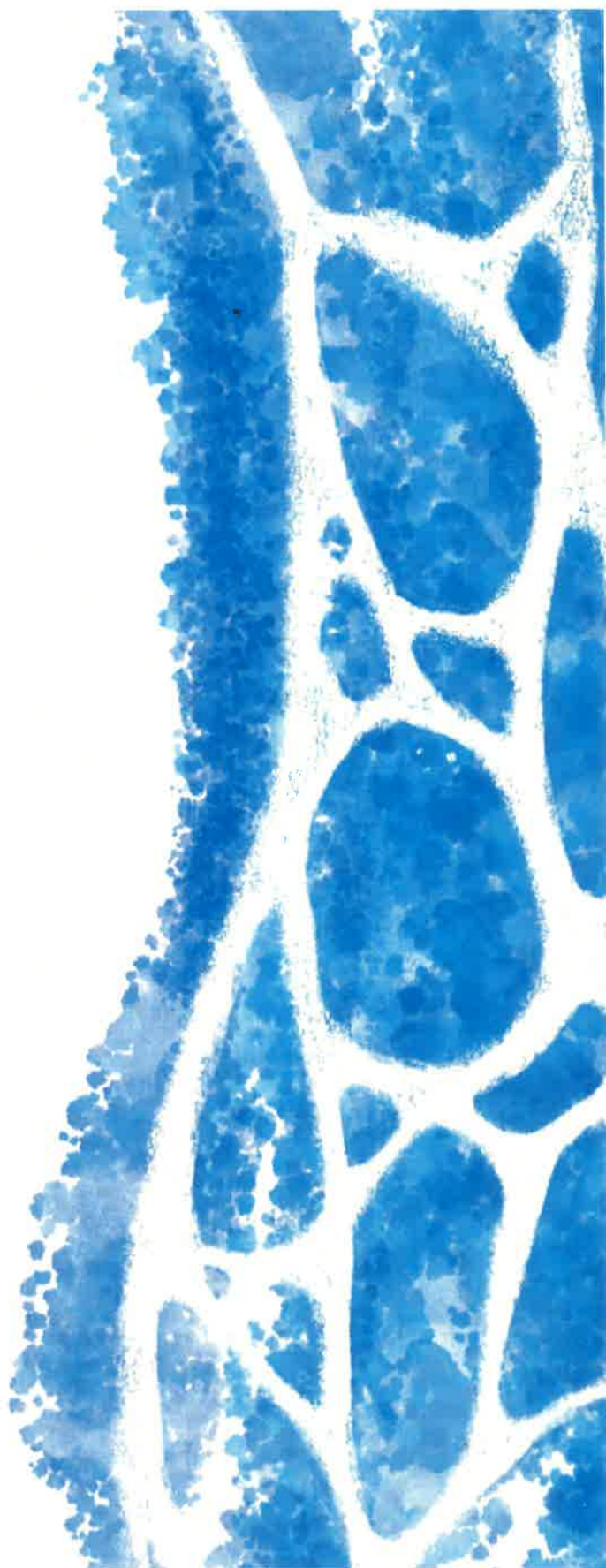
Eu não sei muito bem por que estou escrevendo sobre isso, é que ainda soa engraçado, para mim, perceber que me tornei uma pessoa que quer se tornar uma professora, ou melhor, uma pessoa que é uma professora e uma pessoa que gosta da profissão que encontrou no meio do caminho. Digo isso porque nunca foi minha intenção chegar onde estou hoje, afinal, como já disse, foi um caminho trilhado sem que eu percebesse. Eu não sonhava com isso, mas aqui estou.

Meu primeiro contato com as aulas de Pedagogia na universidade foi intenso. Muitas leituras, palestras, estágios e muito medo. Mas quem, ao iniciar sua trajetória docente, não fica com medo dentro de uma sala de aula lotada de crianças? Ou um espaço fechado com meia dúzia de adolescentes? Por mais que esse medo fosse persistente, minha intenção era sempre encorajar quem estivesse comigo dentro do espaço que fosse.



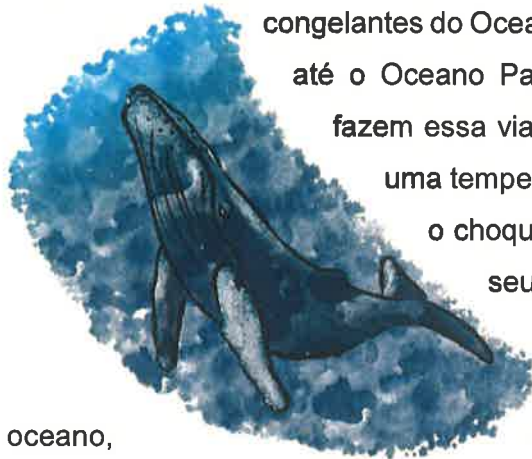
*interlúdio*

*nº 2*



Tudo começou, na verdade, em 13 de julho de 1998, às 08 horas da manhã, no Hospital São Francisco, localizado no município de Uberlândia, no estado de Minas Gerais, numa sala muito fria com o chão de cimento grosso e luz baixa. A maca era gelada e dura e o látex das luvas cirúrgicas era grudento. Acho que tudo começou ali, com os gritos da minha mãe me empurrando para fora do lugar mais confortável que pode existir, um lugar em que um dia eu estive, um lugar que me acolheu e me alimentou durante nove meses. Depois que a cabeça passou foi rápido, e eu chorava muito alto e forte como se tivessem me tirado do melhor lugar do mundo e me levado para o frio do Ártico sem me agasalhar direito.

Curiosidade: as Baleias Jubartes vivem predominantemente em águas congelantes do Oceano Antártico e quando prenhas viajam por meses até o Oceano Pacífico, onde as águas são mais quentes, elas fazem essa viagem para que possam parir os seus filhotes em uma temperatura confortável, para que eles não sofram com o choque do gelo da Antártica. Depois de parir, a mãe e seu filhote voltam para o Oceano Antártico, nadando muito rápido em linha reta (o que é muito impressionante tendo em vista a imensidão do oceano, onde não há nenhuma divisão) sem parar. A mãe fica sem comer por meses, pois não há possibilidade de caçar no meio de tudo isso, mas o filhote se alimenta com o leite dela de três a cinco vezes ao dia e, mesmo sem comer, a mãe Jubarte não deixa de produzir o alimento da sua cria, que chega em sua casa-oceano em segurança, acostumada com a temperatura e forte para caçar sua própria comida.



Eu não fui parida em um lugar quentinho e confortável como o bebê Jubarte. Talvez eu tenha feito o caminho contrário do dele, talvez eu nunca tenha saído do gelo da Antártica depois que cheguei, mas, como ele, talvez tardiamente, estou me acostumando com a temperatura e isso faz com que o caminho até aqui tenha sido



seguro... E talvez isso seja uma coisa para se orgulhar e agora tenho certeza de que tudo começou aí.

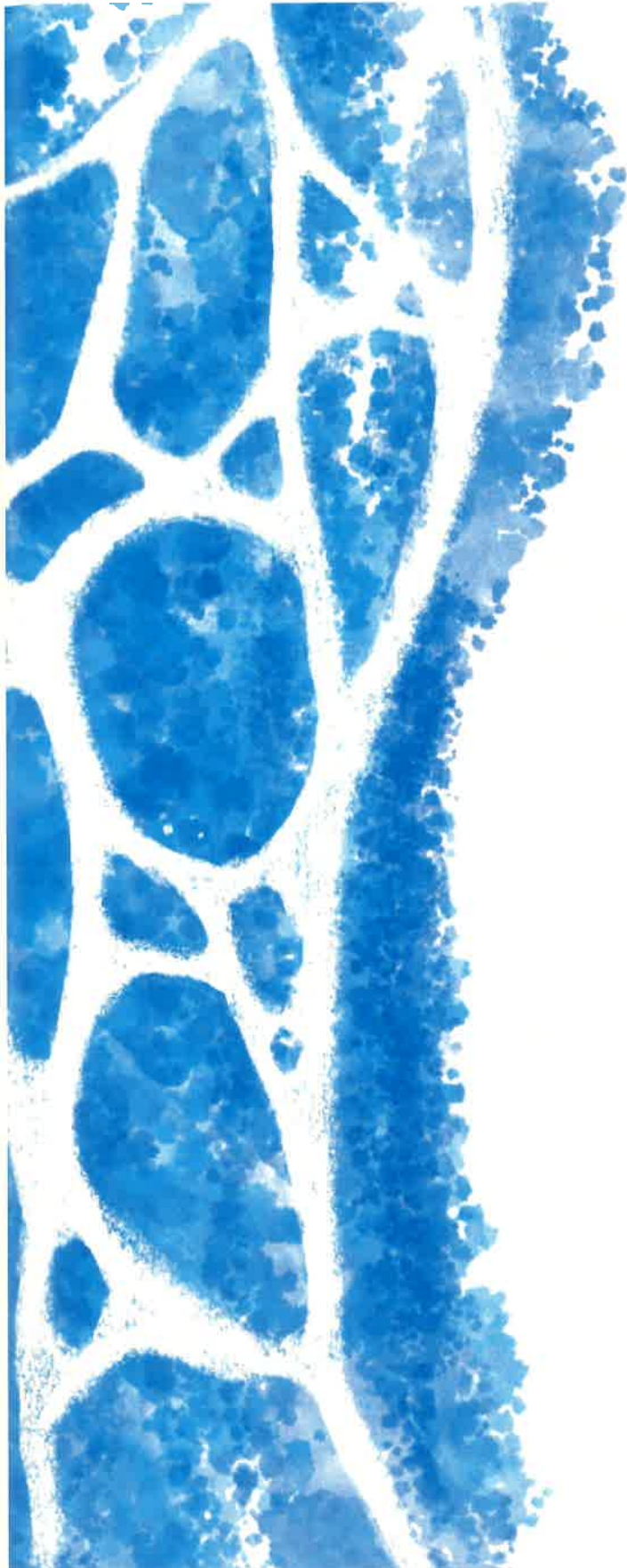
Eu estava em busca de algo que não sabia o que era, mas que me encontrou no meio do caminho, e isso me faz perceber, ainda mais, o quanto o mundo é inconstante e que tudo bem estar perdida de vez em quando. Você já se sentiu assim? Você sempre vai encontrar alguma coisa em que se identifica completamente, ou, em um caminho contrário, essa coisa é que encontra te encontra em algum momento da vida.

A Júlia de vinte e três anos sabe disso agora, mas a Júlia de alguns anos atrás entrava em desespero toda vez que se percebia se apaixonando mais e mais pela licenciatura, e se negou por várias vezes a pular com tudo nessa imensidão que é o ensino do teatro. Sinto que posso afirmar com certeza que o medo é meu maior inimigo desde sempre. Em vários momentos ele me fazia pensar que as situações que não estavam sob meu controle poderiam ser perigosas e ruins, ou me fazia sentir que eu não poderia de forma nenhuma ficar à frente de algo sem que, no final, alguma coisa muito ruim acontecesse a mim. É estressante pensar em estar dentro de uma sala de aula em que eu poderia perder o controle a qualquer momento, uma criança poderia cair e se machucar, algum adolescente poderia começar uma briga, cadeiras poderiam voar.

Poderiam...

Mas na realidade, tudo poderia ou pode ou irá acontecer a qualquer momento, e como uma pessoa a frente de uma turma, na figura de professora, eu não consigo ter controle de todas as situações.

De qualquer forma agradeço ao medo pela insegurança que ele me passa. Ela me ajuda a ficar em alerta, mas visto que não se pode controlar tudo, eu abro mão dela e escolho o (des)controle de ser professora, tia, mediadora, potencializadora, impulsionadora, guia etc., porque, medo, nem tudo é sobre o controle.



2.

o caminho até  
a pesquisa

ou

início do

primeiro

mergulho

Meu primeiro estágio no Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia – UFU – foi no Centro Educacional Maria de Nazaré sob supervisão do professor Ricardo Augusto. O Centro Educacional Maria De Nazaré é uma escola de Educação Infantil diferenciada em relação à educação das crianças e comportamento da equipe com as mesmas, contando também com o apoio das e dos responsáveis em casa.

No ano de 2017, durante minha observação de estágio, pude acompanhar alguns pontos que me fizeram considerar o Maria (como é carinhosamente chamada pela comunidade escolar) como sendo diferenciada, em relação às escolas que já havia tido contato até então. Primeiro destaco o fato de que a comunidade externa ao ambiente escolar estava constantemente presente e isso era um complemento incrível para as crianças que podiam se posicionar em casa e na escola com ideais em concordância sem que tivessem receio de se posicionar sobre qualquer assunto que quisessem, fazendo com que elas tivessem maior liberdade de expressão e escolha, dando protagonismo aos pequenos. Hoje eu entendo que a proposta pedagógica da escola é uma proposta construtivista, pois as crianças lidam com situações em que tem que fazer escolhas e impor seus pensamentos para todes, além de vivenciar suas escolhas também. Quando cito a comunidade externa não estou falando só sobre as e os responsáveis, falo também sobre a vizinhança da escola, as crianças do Maria de Nazaré, naquele ano, conheciam a sua vizinhança, praça, rua, árvores do caminho, elas não conheciam somente o espaço interno da escola.

Outro ponto que destaco é o fato de a Maria ser uma escola aberta e colorida. As portas são abertas, as janelas também, e o espaço ao ar livre da escola é grande. As crianças andavam e brincavam livremente por lá. Uma das propostas da escola com a qual me encantei, e isso a diferencia muito das outras, era o fato de que não havia quase nenhum tipo de restrição em relação aos momentos livres de brincadeiras. Havia momentos em que as mesmas eram direcionadas por algum adulto, às vezes quando alguma criança pedia a presença de alguma professora, mas mesmo que fosse, a sensação de liberdade do brincar era sempre presente porque não era como se todes estivessem na mesma brincadeira, cada um escolhia a sua, mudava, desistia, voltava, e a exploração do espaço físico da escola era muito presente. As crianças faziam isso em

todo o espaço, podendo entrar nas salas e sair delas sempre que quisessem. Também havia uma sala de trabalho para teatro (que a partir das 10:30h era a sala de dormir) e um ateliê de artes visuais.

O local era praticamente todo aberto. Era preciso tocar um interfone para entrar e, uma vez que se estava dentro, não havia mais trancas. As portas eram abertas e as crianças livres pelos corredores. Eram todas divididas em turmas de acordo com sua faixa etária, mas nada impedia que uma criança “mais velha” fizesse uma atividade com a turma “mais nova”, e vice-versa, pelo contrário, elas eram bem-vindas. Nunca havia visto escola assim, na verdade, nem me parecia que era possível existir esse modo de educar, pois tudo que eu havia visto antes era tão diferente. Eu havia lido pouco sobre escolas assim ou tentativas das mesmas, mas era diferente, porque agora eu estava ali, vivenciando isso.

A escola estava toda enfeitada de floresta e fundo do mar e eu me senti realmente nesses ecossistemas, pois havia sereias, águas vivas, arco-íris gigante feito de tampinhas de garrafas pets, árvores e trepadeiras no meio do corredor. Mais tarde, fui informada de que as crianças escolhiam o que queriam estudar todo semestre e, então, as pessoas decoravam a escola de acordo com o tema, e os adereços eram feitos pelas professoras e pelas alunas.

As turmas tinham nomes também de acordo com o tema e o ateliê de artes tinha uma mesa loooooooooonga de madeira, e ali era um local em que as crianças podiam ir sempre que quisessem, então, sempre havia um pequeno ou uma pequena, com uma blusa quatro vezes maior que seu corpo e as mãos sujas de tinta, argila ou algum outro material.

Às vezes confesso que é difícil colocar em palavras experiências tão ricas como as que passei no Maria de Nazaré. Encantei-me no primeiro dia em que cheguei na escola e vi tudo aquilo. Foi como se eu estivesse dentro do mar ou de uma floresta. As crianças que passam uma parte dos seus dias ali provavelmente pensam que aquilo é o normal de uma escola, o normal da vida. Passou-me pela cabeça como seria difícil a

mudança de escola dessas crianças depois, afinal, o ensino fundamental não costuma ser assim.

Além da estrutura diferenciada da escola, o acompanhamento das aulas de teatro do professor Ricardo Augusto foi fundamental para a minha formação docente. Muitos dos saberes vividos e trocados reverberam até hoje na minha prática docente. Para apontar alguns deles, cito as aulas em que o professor propôs que trabalhássemos com dois elementos base: bexigas e um pano grande. Percebi que eram elementos sensitivos com texturas diferentes, cores, cheiros, e também houve uma ressignificação desses objetos/elementos nos dois casos. Com os elementos sensitivos nós conseguimos trabalhar os sentidos das crianças. As texturas diferentes despertavam a curiosidade para que os elementos fossem pegados e enfim movimentados de acordo com a vontade da criança. Eu fazia a observação desse caminho que a criança trilhava com o objeto com bastante cuidado. Por vezes os objetos eram deixados no meio da sala para que elas mesmas fossem até eles, então eu me sentava em um cantinho e observava o trajeto da criança até o elemento, a estranheza inicial, o reconhecimento do objeto, de fato, até o momento em que eu não conseguia mais identificar se a criança estava com o elemento ou o contrário. Eu havia trabalhado pouco com elementos desestruturados, então, era uma novidade para mim. Foi a primeira vez que eu entendi que as crianças não precisam de muito para fluir em uma brincadeira e que com qualquer coisa se fazia o brincar.

Essa experiência inicial foi muito importante para todo o meu processo futuro com crianças pequenas. Eu consegui enxergar a potência de autoconhecimento da criança nos elementos desestruturados e sensoriais e foram com eles que fiz acontecer a maioria das aulas que dei dali em diante. E é bom citar que os mesmos elementos foram trabalhados em turmas diferentes, por isso consegui ver uma mudança enorme de turma para turma e do que esses elementos possibilitavam na sala de trabalho, pois era como se cada elemento fosse uma surpresa e nós nunca sabíamos o que poderia acontecer.

Outro aspecto que me marcou na prática do professor Ricardo foi o cuidado com os primeiros momentos na turma, pois eram momentos preciosos de conexão com as crianças. Ao chegar na sala, as crianças sempre estavam animadas e queriam conversar

conosco, adultos, contar as novidades que traziam de casa e tudo o mais, então, Ricardo fazia um momento de chegada e as deixava conversando um pouco, dando uma atenção inicial antes de começarmos as atividades do plano de aula. Era uma chegada simples, mas que fazia muita diferença: todos sentados em roda com um assunto aleatório rolando por alguns minutos, deixando que as crianças contassem as novidades ou simplesmente conversassem sobre qualquer coisa que quisessem. Esse é o aprendizado que eu carrego comigo e que considero o mais forte de todos: o ato de se sentar e deixar com que as crianças cheguem, com você já dentro da sala de aula. Mora muito carinho nesse ato simples. Entender que a criança precisa do seu espaço de fala e que alguns minutos de conversa antes é essencial para qualquer processo, pois nesse pouco tempo, com o olhar direto para a criança, você consegue entender muita coisa que ela não demonstraria realizando a proposta. É o momento de parar e escutar os alunos antes das atividades começarem, entender como será a aula, se alguma criança precisa de um pouco mais de atenção naquele dia etc.

Sou muito grata por ter vivido essa experiência. Com a ajuda do professor Ricardo, a sensibilidade das crianças, o apoio da professora da disciplina de Estágio I, Paulina Caon, eu pude compreender a criança como parte de tudo que existe no mundo e não só das “coisas de criança” como eu pensava antes. Porque tudo o que existe no mundo é coisa de criança, ou pelo menos deveria ser.

Manter esse contato horizontal com meus alunos faz toda a diferença na minha atuação como professora atualmente, seja na Educação Infantil ou não. Faz com que as minhas aulas sejam um local de escuta e fala de todos, um espaço de segurança e acolhimento, que é, em minha opinião, o que deve ser para todas as crianças ao redor do mundo.

Se você não conhece a escola Maria de Nazaré eu posso compartilhar um pouquinho do que os meus olhos viram e meus ouvidos ouviram, mas nunca conseguirei expressar cem por cento os sentimentos de descobertas que vivi enquanto estive lá.



Figura 2: *QR CODE* que leva a fotos do primeiro relatório de Estágio I e áudio do segundo relatório. Fonte: Acervo pessoal.

Depois desse primeiro estágio da licenciatura eu continuei meus estágios supervisionados do curso de Teatro com crianças, tendo sido somente o último deles com adolescentes. No decorrer desses estágios, foi somente em um que eu trabalhei com o que, tempos depois, entendi ser a abordagem do Drama, em meu terceiro estágio supervisionado. Foi o momento em que comecei meu terceiro mergulho, o contato com o Drama, ainda entendendo muito pouco sobre as águas que tocavam minha pele.

Eu e Leily Alves, minha parceira de turma, fizemos um processo de Drama com esalunes do COMUFU – comunidade com a UFU –, que são oficinas de teatro gratuitas ofertadas pela UFU, oferecidas pelos estudantes do curso de Teatro durante os estágios supervisionados III ou IV. Na época do COMUFU eu sabia pouco sobre Drama e suas convenções, tanto que nós passamos a entender nosso processo como um processo de Drama depois de percebermos que alguns estímulos que estávamos propondo pareciam muito com estímulos que nos eram propostos na disciplina de Pedagogia do Teatro II, na qual estávamos participando de uma série de processos de Drama e também



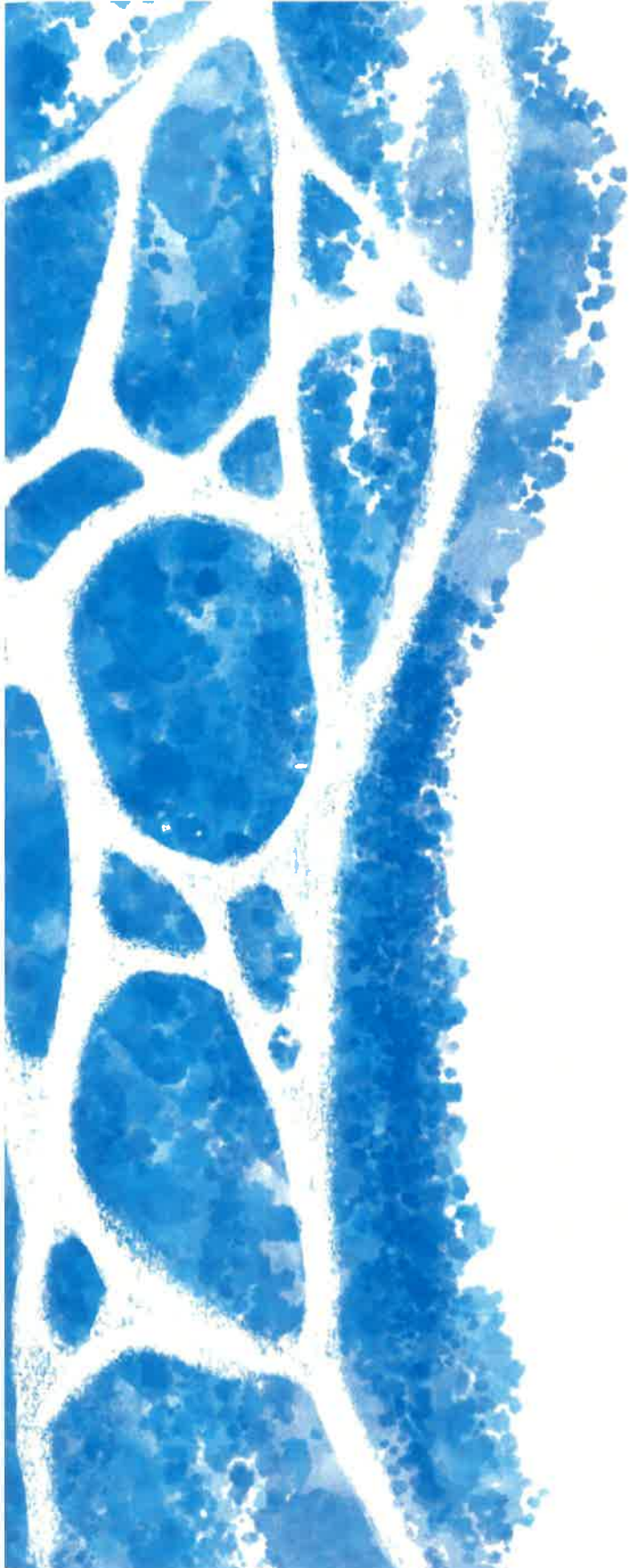
aprendendo sobre a teoria dessa abordagem metodológica com o professor Wellington Menegaz<sup>5</sup>.

Depois desse pouco contato, acabei por esquecer dessa vertente teatral e pedagógica. Estava empenhada em outro processo de pesquisa com o qual também amo e me identifico muito, a palhaçaria, e havia decidido que essa pesquisa seria meu trabalho de conclusão de curso. Mas, você se lembra do descontrole que eu assumo nas aulas? Ele está presente na minha vida inteira e eu me divirto muito com ele.



---

<sup>5</sup> Ator e professor de Teatro. Docente do curso de graduação em Teatro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC – e do Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES – da UFU. Doutor e Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGT/UDESC.



3.

drama n° 1:

a carta do

vento

No início do ano de 2020 eu atuei como professora de duas turmas na Escola Livre de Teatro da Trupe de Truões<sup>6</sup>, em Uberlândia, sendo que uma dessas turmas era formada por crianças com faixa etária entre cinco e nove anos. Aqui, eu continuei meu primeiro mergulho, em que de fato pude me ver enquanto professora de teatro para e com crianças. Naquele momento ainda não precisávamos vestir máscaras para andar na rua e nem manter o isolamento social. Sendo assim, nos encontrávamos presencialmente aos sábados pela manhã no Ponto dos Truões.

Nossas aulas eram compostas por jogos teatrais e muito debate. Sempre havia algum acontecimento de sua semana que as crianças traziam queriam conversar/contar sobre e compartilhar com o restante da turma, e, como a conversa em roda fazia parte do nosso processo de chegada (assim como alongamento e dança de aquecimento), todos os encontros uma novidade era contada. Em uma dessas ocasiões da chegada, uma das crianças mostrou interesse sobre as cartas que chegavam pelo correio. Por pura coincidência (ou destino) eu havia planejado uma aula que envolvia uma carta para alunes de outra escola em que eu também trabalhava, a Snoopy Hotel Escola. Nessa instituição eu tinha diferentes turmas de faixas etárias variadas, mas essa aula, em específico, foi praticada com todas as crianças. Minha intenção era observar os diferentes comportamentos em relação à narrativa da carta que o Vento escrevera. O plano de aula, de cinquenta minutos, consistia em lermos a carta juntos, em roda, especular o seu remetente a partir das pistas que eram relatadas e por fim encontrar um presente deixado pelo mesmo, uma caixa com pedaços de tules coloridos. A escolha desse material se deu pensando em seu movimento quando jogado para cima, algo que me remetia ao próprio Vento, estrela da história. Então eu tinha um final para o mistério do Vento, as aulas eram finalizadas com es alunes manipulando de várias formas o tecido.

A partir dessa experiência que propus na instituição citada acima, iria continuar com essa finalização nas minhas turmas na Escola Livre, mas as crianças estavam tão

---

<sup>6</sup> Grupo de teatro criado em Uberlândia/MG por egressos e egressas do curso de Teatro da UFU. Fundada em 2002, desenvolve ações artísticas e pedagógicas no Ponto de Truões, sede física do grupo.

envolvidas com o mistério de uma carta aparecer endereçada a elas que, ao invés de mostrar o presente, decidi propor uma procura por pistas sobre quem enviou a carta.

Em um primeiro momento a procura foi dentro do galpão da escola. Nós fomos em grupo em alguns lugares e separados em outros, mas sempre nos comunicando, caso alguma pista aparecesse. Isso não aconteceria de fato, pois eu não havia plantado nenhuma pista ali para ser encontrada, mas as crianças acabaram por encontrar uma folha de árvore suspeita em cima de uma das plataformas, então, decidiram que essa busca não poderia ficar só dentro daquele espaço, ela teria que seguir a pista da folha, teríamos que ir para fora. Agora tinham dez crianças pipocando no chão recém pintado de preto pedindo para irem para fora. Elas tinham certeza de que a resposta estaria lá, então combinamos de que no próximo encontro levaríamos instrumentos de detetives, pois iríamos atrás do autor ou da autora da carta misteriosa.



No encontro seguinte eu as esperei, como de costume, dentro da sala. Fizemos nosso rotineiro momento de acolhida e chegada e depois analisamos todos os instrumentos que as crianças haviam trazido de casa. Havia binóculos, blocos de anotações, canetas, lupas e câmeras velhas. Foi sugerido pelas crianças uma mudança na aparência, então fomos até o acervo de figurinos da escola e saíram de lá muitas perucas, chapéus e paletós.

Infelizmente não tenho quase nenhum registro visual desses nossos poucos momentos presenciais, mas tentarei escrever aqui tudo que me lembro desse encontro que considero especial.



Imagine você: nove crianças em um camarim apertado abrindo gavetas e tirando peças de roupas de cabides. Um atravessamento de vozes infantis, uma por cima da outra. Reflexos no espelho horizontal e metade do reflexo da criança mais nova – tive que levantá-la pelo colo para que ela pudesse se ver com a peruca e os óculos escuros –, depois de algum tempo, algumas crianças já haviam corrido de volta para nosso espaço de aula enquanto outras decidiam qual seria o *look* para desbravar o mundo (ou o quarteirão, dá na mesma, né?!). Depois de organizarmos a nossa bagunça, saímos

pela porta da frente, como se nada estivesse acontecendo, dando tchauzinho para as mães e pais que aguardavam na recepção.

Na rua era necessário cuidado dobrado, mas como nós já havíamos feito combinados dentro da sala, mesmo atenta, eu não estava preocupada. Subimos a rua e dobramos a esquina, o clima e atmosfera eram realmente de uma investigação, só que um pouco mais barulhentos. Todos os elementos da rua viraram pistas indispensáveis para o caso, principalmente os lixos que não foram descartados corretamente. Flores e folhas também faziam parte dos elementos que magicamente viravam pistas. Alguém com um bloquinho anotou uma série de números que estava em um jogo do bicho, o papel amarelo estava tão desgastado, as impressões praticamente apagadas.

Eu havia preparado previamente alguns bilhetes com pistas sobre o autor da carta que ainda era tratado como Vento. Eu tinha alguns pequenos pedaços de papéis dobrados dentro do meu bolso e não fazia a mínima ideia de como os colocaria escondidos nos lugares por onde passávamos, mas acabei fazendo funcionar da seguinte forma: enquanto as crianças iam na frente, eu deixava um pedaço em algum lugar e logo em seguida chamava atenção para tal lugar, porém, isso acabou não funcionando e no mesmo dia, ao final do nosso passeio investigativo, todas já desconfiavam de mim como sendo a autora das cartas. Ao final do encontro eu fui acusada. Combinamos que na próxima aula eu poderia me defender e convencê-las de que não seria eu a mandante das cartas. O que aconteceu foi o seguinte: o próximo encontro presencial não aconteceu.

Entramos em quarentena em decorrência da pandemia do Coronavírus, causador da doença Covid-19, e nossa adaptação, que já estava começando a ficar orgânica dentro da caixa preta onde nos encontrávamos, vazou pelos espaços de nossos dedos e tivemos que recomeçar de modo remoto. Nossa caixa preta havia virado uma caixa com tela, teclado, câmera e interferências. Mas estávamos ali, e isso era uma coisa para se comemorar, não é? Pequenas vitórias. E foi assim, sem ter a possibilidade de escolha, que eu e milhões de pessoas no mundo nos vimos imersas por uma pandemia sem saber como seria a partir dali. E, assim, começa a história do meu segundo mergulho, o de ser uma professora inserida em um contexto de ensino remoto. A partir de agora, os três

mergulhos passam a fazer parte da minha história e das reflexões tecidas nas próximas páginas.

Não foi difícil retomar a história da carta. As crianças ainda estavam intrigadas com a bendita e me pediam para mostrar onde a carta foi deixada (eu havia dito que apareceu na janela do meu quarto), então tive que mostrar onde aconteceu o ato, e naquele mesmo momento apareceram teorias sobre os meus vizinhos ou até mesmo pessoas que moram comigo. Mas agora não havia mais como recolher pistas juntas, tínhamos que trabalhar com aquelas que tínhamos e isso não levaria muito tempo, pois a maioria foi descartada pelas crianças logo no segundo encontro remoto, ficando apenas os números dos bichos.

Não posso deixar de dizer que elas dificultaram para mim., Como eu conduziria uma investigação com somente alguns números? Eu me lembro de ter escutado de uma aluna, Luiza: “Profe, você recebeu mais cartas?” Respondi que não e devolvi a pergunta, virou um alvoroço: não, elas não haviam recebido nada, será que chegaria alguma coisa?

A resposta é sim. Usei os números do jogo do bicho para fazer um enigma e enviei cartas para cada uma das crianças, em nome do Vento, claro.



Figura 3: QR CODE que leva a carta do Vento. Fonte: Acervo pessoal.



A carta estava dentro de um saquinho de pão e em seu conteúdo continha a mesma mensagem para todas as crianças, no entanto, eles precisavam descobrir as letras nos espaços faltantes. Para tal, em um pacotinho eu coloquei os números do jogo do bicho e suas respectivas letras. Entreguei a carta diretamente na casa de cada criança, deixando-a nas caixas de correio, e pedi aos pais e mães que filmassem as crianças abrindo o pacote. Os vídeos que recebi foram de pura euforia das crianças, euforia essa que passou a ser minha também, afinal, eu havia conseguido o que queria: que elas desejassem muito entrar nessa comigo.

Ao tecer essa monografia eu tenho conhecimento da teoria do estímulo composto formulada por John Somers, que diz:

Os elementos da história que cada artefato representa devem, quando justapostos, criar uma rede de relacionamentos que nem sejam rapidamente compreendidos para evitar que a história torne-se imediatamente óbvia, nem tão distantes um do outro para que as possibilidades narrativas possam emergir. (SOMERS, 2011, p.179).

A complexidade de investigação de materiais dentro de um recipiente e que podem gerar hipóteses e especulações que vão nutrindo a narrativa criada coletivamente é algo que tem a ver com o meu trabalho, porém, naquele instante, em que a prática estava sendo desenvolvida, não a conhecia, e por isso não pude explorar a potência dessa estratégia presente no Drama.

Importante destacar que eu não sabia o que viraria tudo isso, só estava dançando conforme a música que as crianças tocavam para mim, e só depois que tudo terminou eu me dei conta de que isso que eu estava fazendo não era só mais um jogo, mas que se tratava de um de Drama. Hoje eu percebo que algumas características que constituem um processo de Drama estavam presentes em nossa investigação em aula remota, mas isso aconteceu de forma totalmente intuitiva. Segundo Beatriz Cabral, também chamada por Biange Cabral,



A configuração de uma experiência, em drama, parte da associação da função do professor e dos alunos a papéis sociais e ficcionais distintos. A investigação cênica (em ação) inclui a exploração do contexto ficcional, através de um processo centrado em uma sequência de episódios, através de distintos enquadramentos e papéis do professor. (CABRAL, p. 105, 2014).

O Drama acontece quando os jogadores e as jogadoras realmente entram no jogo e se colocam dentro de “personagens ficcionais” (papéis) e criam, através de diversos episódios, uma narrativa coletiva. Para isso, os estímulos compostos podem ser uma estratégia potente, uma vez que nutrem a imaginação dos e das participantes e ajudam na construção da ficcionalidade que está sendo tecida no decorrer do processo a partir do levantamento de hipóteses e argumentos sobre determinado ponto da história ou das personagens. Era exatamente isso o que estávamos fazendo em nossas aulas.

Então eu me lembrei de quando estudei a abordagem metodológica do Drama na disciplina Pedagogia do Teatro II, com o professor Wellington Menegaz – Tom – e também de quando, em meu terceiro estágio supervisionado, eu e minha parceira de turma, Leily Alves, como eu já escrevi, fizemos um processo de Drama com os alunos do COMUFU. Nessa época eu sabia pouco sobre Drama, estava tendo os primeiros contatos com essa abordagem que, até então, não imaginava que iria percorrer meus primeiros passos da docência.

Conduzi o processo remotamente, apoiando-me em algumas convenções presentes no Drama, como os episódios, o processo, a criação coletiva de uma narrativa, e principalmente a investigação dos estímulos compostos. Sobre esse último aspecto, vale destacar que eu entregava toda semana recipientes contendo os estímulos na casa das crianças. Acredito que sem o envio desses estímulos semanalmente o processo teria esfriado, pois de certa forma eram eles que mantinham as crianças “acesas”, curiosas e alertas, com vontade de descobrir quem estava por trás daquilo tudo e com vontade de continuar a investigar o mistério que estávamos criando. A materialidade fazia com que isso acontecesse e, de certa forma, naquele momento, isso era fundamental, pois havíamos perdido a coisa que mais importa(va) no teatro: o contato físico.

O trabalho do e com o estímulo composto em nossas aulas, além de estimular a ficção, era de nos unir e fazer com que nos reconhecêssemos e nos descobríssemos

enquanto turma, e saber também que por trás das telas continuávamos ali. Sempre coloquei muito carinho nos pacotinhos para as entregas, pensando nos pequenos detalhes do envolvimento com a narrativa e também deixando um pedacinho meu ali dentro para que as crianças se conectassem comigo sem *wi-fi*.

Um fato curioso que aconteceu durante a investigação do primeiro estímulo: ele foi montado em um saquinho de pão, como já citei anteriormente, porém era um saquinho reciclado. Havia pego de outro projeto e havia carimbado nele meu telefone e meu nome completo, Júlia Leão. É claro que antes de enviar eu coleí um papel em cima para que não vissem ali um número de telefone, mas nada adiantou. No encontro seguinte o assunto do episódio foi o bendito celular carimbado no saquinho. Um dos alunos relatou que ao procurar por mais pistas no pacote, acabou achando estranho o pedaço de papel colado e decidiu tirar, encontrando o número. Recebi várias ligações no sábado após a aula, todas procurando uma “Júlia Leão”, achei estranho até perceber que eu nunca havia falado para as crianças o meu nome completo, elas me conheciam como “Tia Júlia”. Foi a coisa mais engraçada que eu havia percebido. Ali me dei conta de que o processo duraria mais alguns encontros, pois eu tinha saído da mira de suspeita e quem ficou era a “Júlia Leão”, que claro, NÃO ERA EU.

No encontro seguinte, propus que cada criança criasse a sua personagem e que essa personagem fosse atrás do Vento, mas isso não funcionou nem por um encontro. Revendo alguns vídeos, entendo que, no meio dessa mudança, o rumo da história alterou sem que eu percebesse de fato. Agora, não queriam mais saber quem era o tal Vento e sim quem estava por trás dele. Pensei, então, que não haveria problema nenhum em mudar tudo o que estávamos levantando e ir por outro caminho. Sendo assim, minha escolha foi segui-las e elas já sabiam por onde iriam, com muitas suspeitas e ideias de motivos, eu só precisei organizar e fazer com elas juntassem algumas peças. Ao final, tínhamos três pessoas suspeitas: eu, a Júlia Leão e Tamara Dos Anjos, que na época fazia o secretariado para essa turma. Eu já havia me tornado suspeita desde a primeira investigação pelo quartirão, era muito suspeito que as pistas aparecessem exatamente onde eu cogitava que elas estariam e a Tamara foi pega de surpresa com um interrogatório em que, por mais uma coincidência, respondeu que seu elemento da

natureza preferido era o vento, então, nesse ponto do processo, tudo o que eu tentava fazer era me esquivar das acusações propondo que poderia ser alguém desconhecido ou até mesmo a Tamara, já que ela, como secretária, tinha acesso aos seus endereços. E quanto a Júlia, bom, elas tinham nome e telefone dela.

Uma coisa legal de pontuar é que dentro dos nossos encontros as crianças sempre pediam para que eu as deixasse a sós por alguns momentos. Pediam-me para eu fosse para longe e eu assim fazia, e em algum desses momentos escutei sobre um grupo de *WhatsApp* que foi criado por elas e que eu não estava. Isso foi um pouco desconcertante, pois tudo o que eu propunha era em relação ao que elas me davam de material, sobre suas reações e teorias, então, se elas estivessem se comunicando e teorizando em particular, eu nunca ficaria sabendo, e se elas descobrissem quem eu era realmente, como eu não queria que tudo acabasse ainda, eu chamei uma aluna no particular para falar sobre esse grupo com a conversa de que eu achava que quem estava mandando as cartas seria um ou uma de suas colegas. O alívio foi grande quando ela aceitou ser minha espiã e me passar todas as informações relevantes sobre tudo o que elas conversavam. Essas informações chegavam até mim diariamente. Elas estavam levando tão a sério que queriam entrar em contato com a Tamara para pegar meu endereço, já que a ideia era mandar uma carta ameaçadora, pedindo para que eu me entregasse. Eu esperei pela carta, mas ela nunca chegou. Minha informante me disse também que elas sabiam que eu era a Júlia Leão e que as ligações estranhas que eu recebia durante a semana eram elas. Claro que eu já sabia sobre as ligações, mas nunca havia comentado com as crianças, queria que elas me questionassem sobre essa identidade da Júlia Leão em algum momento, mas isso também não aconteceu.

Em certo ponto do processo eu decidi parar de enviar os estímulos compostos e materialidades, entendi que, se eu continuasse aguçando a curiosidade da turma com mais cartas e enigmas, a história correria o risco de esfriar e o final não seria potente. Escolhi começar a questionar as crianças sobre o que faríamos se não descobríssemos o culpado ou a culpada, e a resposta que recebi foi muito potente. As crianças tomaram a decisão de retornar às suspeitas iniciais do Drama, eu e Tamara, ao invés de procurar por outros ou outras, e, assim, marcaram oficialmente um julgamento no encontro

seguinte, em elas seriam os juízes e juízas, e assim decidiriam quem de fato era a pessoa por trás do Vento.

Para mediar o tal julgamento eu sugeri que elas organizassem previamente algumas perguntas para cada uma das suspeitas a fim de otimizar nosso tempo com a convidada especial, Tamara, que compareceu com cargo/papel de Suspeita N° 1. Também houve a tentativa de propor advogades para as suspeitas e até uma juíza, mas no encontro seguinte a euforia era tanta que essa segunda tentativa de incluir personagens na história não funcionou. As crianças estavam extremamente ansiosas para fazerem as perguntas que tinham preparado, discutirem sobre o veredito e finalmente descobrir esse mistério, e mesmo que eu as lembrasse dos benditos papéis/personagens, elas não conseguiam se concentrar nisso realmente. As crianças estavam tão enérgicas que era possível sentir através da tela. Eu também estava ansiosa para finalizar esse processo e feliz que havíamos passado pelo processo inteiro sem a sensação de fadiga. Queria que terminássemos assim, eufóricos e eufóricas pela descoberta final.

No desenrolar da história tivemos alguns momentos de contradição, tanto minha, quanto das crianças, algumas “mentirinhas” que eram inventadas para dar um *up* e que às vezes simplesmente esquecíamos. Nesse momento, era como um jogo de pega-pega, a corrida de um para dizer que não mentiu e de outro para apontar bem ali a mentira, e foi em um momento de esquecimento que eu fui pega e, claro, descoberta. Durante o encontro do julgamento, Tamara recebeu algumas perguntas e sinceramente as respondeu. Por algumas vezes até senti que ela queria me ajudar de alguma forma, pois senti que eu estava encurralada, mas esse era o caminho que estava sendo seguido há muito tempo, então ela não podia fazer nada por mim. Senti-me uma bruxa prestes a ser queimada quando os juízes e juízas dispensaram a Suspeita N° 2, Tamara, e vieram com tudo para cima de mim, e mesmo que eu não tivesse chance nenhuma, queria manter minha palavra até o fim e sustentar a minha versão da história, mas, como eu disse anteriormente, acabei caindo em uma armadilha que eu mesma havia construído. Meu celular tocou durante a aula e eu simplesmente atendi, sem pensar que poderia ser ligação de uma das crianças que tinham o meu número. Oto estava ao telefone e assim

que ouviu o meu “alô” foi à loucura, alarmando todos e todas do grupo que o número que havia encontrado na carta enigma era meu, então, eu havia inventado essa história toda de Vento e que a verdade era que não havia Vento nenhum.

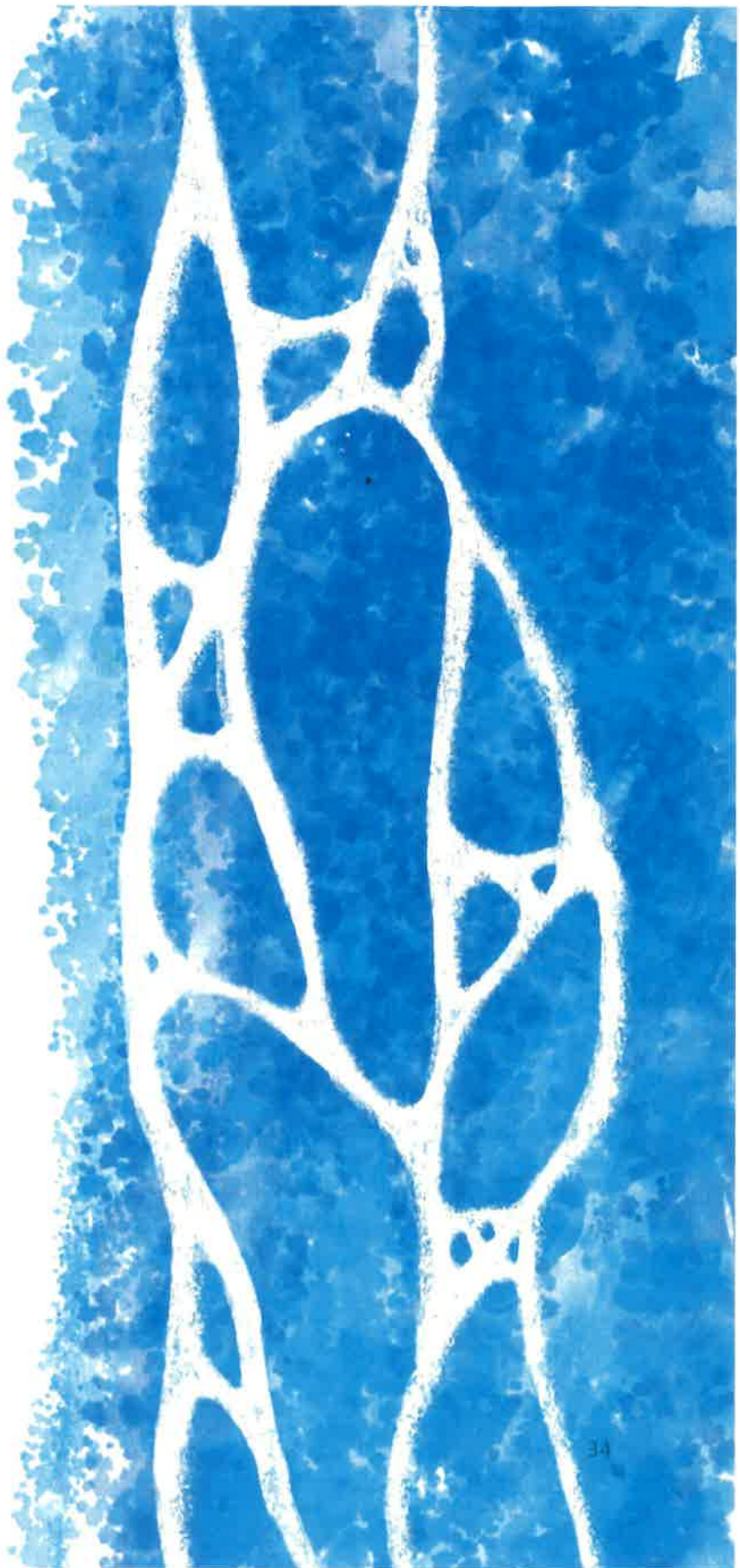
A verdade verdadeira é que existia, sim, um vento, um vento que soprava bem forte em minha janela todo sábado de manhã antes das aulas começarem, ou durante a semana quando eu sentava para planejar a aula, ou quando eu estava organizando os estímulos compostos para serem enviados, ou quando eu o sentia batendo no meu rosto quando estava no caminho de casa a casa colocando os envelopes nas caixinhas de correio. Esse vento estava sempre ali ao meu lado.

Esse processo chegou ao fim em um clima de vitória para a turma e para mim, pois durante o tempo todo as crianças estavam imersas dentro do universo da investigação, criando teorias, fabricando provas quando queriam estar um passo à frente, conversando independentemente umas com as outras e trocando opiniões com embasamento em provas, buscando outras pessoas além da turma para ajudar com a investigação e, acima de tudo, estando presentes de verdade em nossa aula, presentes física e virtualmente. Sendo assim, meu primeiro processo de Drama na Escola Livre de Teatro da Trupe de Truões (podemos chamar assim, apesar da falta de algumas convenções dessa abordagem metodológica) foi finalizado com uma sensação de êxito e com expectativas para um próximo.

Na análise desse processo, um ponto de reflexão que percebo é o fato de que, no Drama, é a professora ou o professor que propõe as atividades após a realização de cada encontro, a partir das criações e levantamento de hipóteses das crianças. No processo A carta do Vento, porém, essas proposições foram compartilhadas entre todas e todos da turma. Em algumas aulas fui eu a responsável em elaborar as atividades, já em outras, principalmente no final, foram as crianças que decidiram o que iríamos desenvolver no encontro seguinte, cabendo a mim a função de mediar as criações. Penso que isso, surgiu do protagonismo dado a elas, de se sentirem livres e decidirem os rumos que a ficção iria tomar.

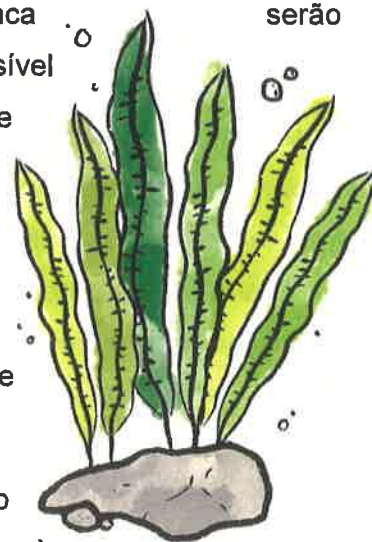
*interlúdio*

*n.º 3*



Havia alguns momentos em que eu me pegava pensando em como o mundo era um lugar solitário e que, mesmo com 7.674 bilhões de habitantes, ele continuava sendo solitário. Esse tipo de sentimento começou a criar um burburinho irracional dentro do meu peito, algo que foi difícil de entender e organizar, como um pensamento linear para que pudesse ser resolvido. Foi quando eu quase decidi largar tudo o que havia acabado de começar porque senti que não estava me dedicando a tudo que eu precisava me dedicar, não de forma correta, pelo menos. Já havia começado duas tentativas de uma monografia e falhei nas duas. E eu mesma não sabia mais se estava mesmo no caminho certo porque todas as minhas certezas estavam embaralhadas, com um sentimento de que muitos de nós passamos a nos dar conta na pandemia, o sentimento de invalidade. As coisas não estavam mais dando tão certo. Minha produtividade estava extremamente baixa e a única coisa em que eu conseguia pensar era em desistir de tudo e voltar quando as coisas fossem normais novamente, mas o fato é que as coisas nunca serão normais de novo, não é? Por mais que em um futuro seja possível andar sem máscaras na rua, abraçar as amigas e os amigos e fazer uma aula de improvisação teatral no toque a toque, as coisas não serão as mesmas... Não com 4,55 milhões de pessoas mortas por Covid-19 no mundo todo – informação de 09/10/2021. O normal agora é um buraco no peito de inúmeras pessoas, a sensação de tempos perdidos, o medo que consome sobre não ser suficiente e a desesperança de um não-abraço.

Ministrar aula remotamente, para mim, foi um processo demorado de se entender e depois de um ano com as aulas à distância eu digo que até hoje não estou cem por cento adaptada, seja por aula em vídeo pré-gravado ou por aula *online*, ao vivo. Acho que parte de mim se recusa a se adaptar a algo que é passageiro e a outra parte se esforça para que eu não surte por completo, e mesmo com tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, a vida continuou, de um jeito ou de outro ela teve que continuar.





Descobri que o sentimento de solidão pairava em todo mundo que conheço e penso que ninguém sabia como se livrar dele. Era como um surto coletivo de solidão, e solidão me lembra o mar. Você sabia que nós, humanos, conhecemos apenas 5% dos oceanos? 95% não foi explorado, conhecido, mapeado ou admirado. Temos mais registros da Lua, Marte e Vênus do que dos oceanos, e eu só consigo pensar em como deve ser calmo lá embaixo, um lugar onde o ser humano jamais presenciou ou tocou... isso é realmente especial, né? Existir um lugar assim me faz querer estar lá também, ser sugada por um redemoinho e ficar junto dos seres intocáveis e não vistos. Se for para se sentir solitária que seja no escuro, onde eu realmente não possa ver ninguém. Sentia-me como a baleia mais solitária do mundo, nadando sozinha e emitindo um som que ninguém ouvia.

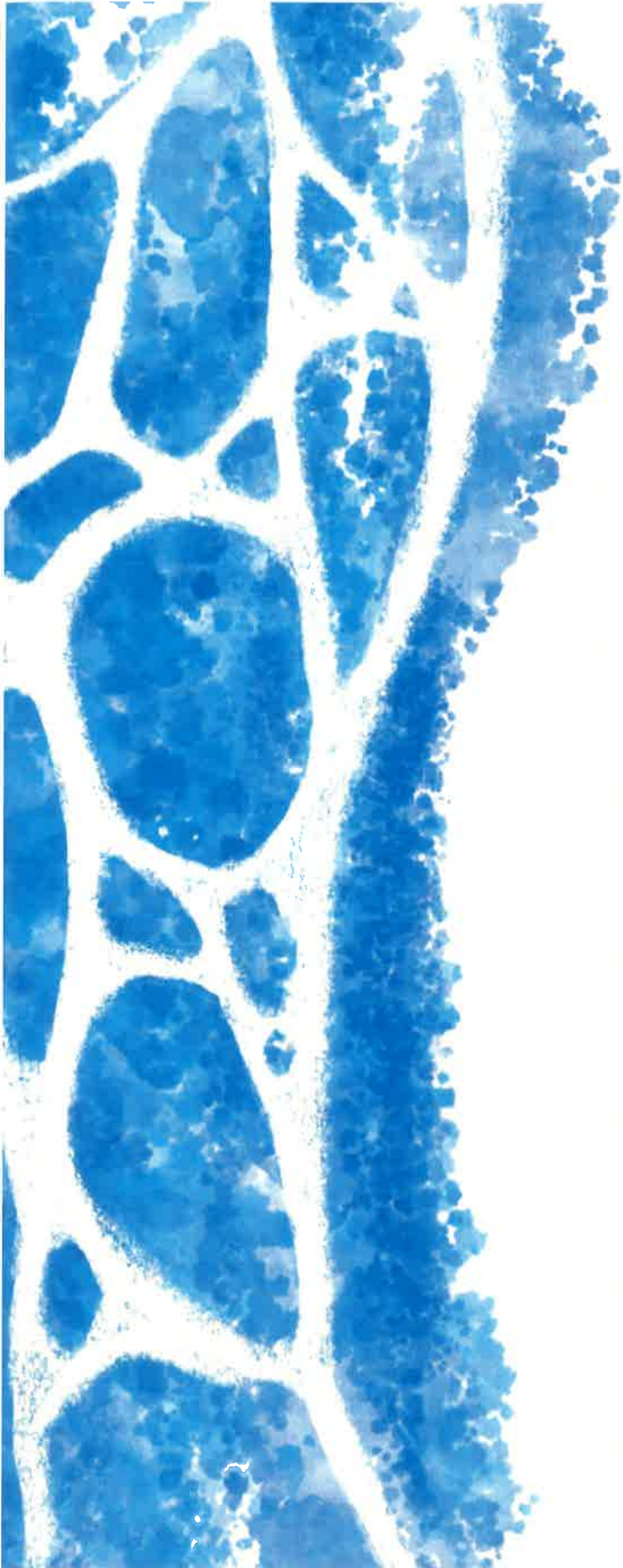


Curiosidade sobre a baleia 52 Hertz: conhecida como a baleia mais solitária do mundo, ela é uma espécie única (provavelmente uma mistura genética inesperada) que emite seu canto em 52 hertz, muito mais alto e grave do que as outras baleias do oceano, e em decorrência do seu canto diferente, o seu chamado não consegue atingir nenhum outro animal, isso faz com que ela não consiga encontrar um parceiro, uma parceira ou um grupo para fazer parte, por isso, vaga sozinha no vasto pacífico norte. Não importa o quanto ela chame, ninguém vem. As baleias são animais extremamente sociáveis e gostam de viver em grupo, brincam e caçam juntas, os ensinamentos são passados das mais velhas para as mais novas (assim como a hierarquia humana) e quando se perde alguém do bando, se sofre o luto em bando também. Não se sabe sobre o começo da vida da Baleia 52 Hertz. Especula-se que é um macho porque o seu chamado é praticamente incessante, e baseado em sua rota, ele poderia ser uma Baleia Azul com má formação. Para nós, o seu canto é grave como uma nota de tuba, mas para as outras baleias é tão agudo que o som passa completamente despercebido. Não se pode afirmar que essa baleia é triste ou sofre por estar sozinha, mas se ela realmente for, o mundo jamais saberá.

Sem drama.

Eu quero que as pessoas escutem o meu hertz e tudo que ele pode transmitir, do fundo do oceano... ou (infelizmente) não.





4.

*drama n° 2:  
os caçadores  
de cristais*

Gostaria de poder dizer que depois de alguns meses de pandemia eu já estava acostumada com os andamentos das aulas remotas e que estava me dando super bem com a tecnologia de vídeos, *lives*, chamadas etc., mas até hoje, depois de um ano e meio, eu ainda me sinto desconfortável em dar aula de forma remota.

Estávamos começando um novo semestre na Trupe de Truões e eu continuava a ministrar aulas de teatro para a turma de crianças que haviam participado do processo “A carta do Vento”. Naquele momento continuava no mesmo lugar: sentada em frente a uma máquina tentando fazer as coisas acontecerem. É estranho pensar que enquanto meus e minhas alunas, crianças de 07 a 10 anos, ficavam ansiosas de um jeito bom para as aulas, eu ficava de um jeito bem ruim, sempre me questionando se o que eu estava fazendo realmente era teatro, se isso de alguma forma estaria sendo um tempo ganho ou perdido para a criança do outro lado da tela. Sentia-me extremamente insegura, querendo fugir para a sala de teatro com meus alunos. Acredito que tenha sido e está sendo um tempo difícil para todos os professores do ensino remoto, mas como professora de teatro eu realmente pensei que nada iria dar certo desse jeito, remotamente.

No semestre anterior eu tive a ressalva de poder ministrar algumas, ainda que poucas, aulas presenciais. Comecei uma parte do processo de Drama vendo as crianças presencialmente. Pude ouvir as vozes e as risadas sem ter que pedir para falar mais perto do microfone. Ter começado um processo presencial, que se desdobrou no virtual, me deixou mais segura. “A carta do Vento” durou um semestre todo e foi bom, foi tranquilo. A situação que eu estava vivendo nesse novo semestre seria um pouco diferente, pois eu teria que começar do zero, sem o primeiro contato presencial, mesmo com a turma sendo formada pelas mesmas crianças do semestre anterior. Parecia-me estranho começar assim, mas não tinha como ser de outra forma. A pandemia estava em um de seus picos mais altos, não havia controle nenhum da situação, tudo que eu podia fazer era sentar e tentar mais uma vez, o meu melhor. E, assim, adentrava cada vez mais no meu segundo mergulho, ser professora em ambiente virtual.

As crianças estavam sempre empolgadas nos exercícios. Eu costumava propor jogos diversos (jogos teatrais, tradicionais etc.) no nosso tempo de aula e todos eram adaptados para o contexto *online*. Elas me recebiam bem, mesmo em um momento cheio

de mudanças e de vontade de estar perto, e isso de certa forma me alimentou para continuar levando coisas diferentes para que pudéssemos ter um tempo legal aos sábados de manhã.

Sempre tentei recorrer ao que as crianças tinham mais interesse em fazer. Se algum jogo agradava mais, eu levava mais vezes com algumas mudanças e variações para explorarmos. Mantive um ritual de começo de aula que funcionava assim: os primeiros 15 minutos eram de conversa, depois alongamento e em seguida a dança de aquecimento. Eu aprendi no meu primeiro estágio, com o professor Ricardo Augusto, a importância dessa conversa em um primeiro momento da aula, pois entendi que é nesse momento que as crianças se preparam para a aula que está por vir, olham umas para as outras e se escutam. Então, sempre insisto em fazer uma primeira conversa sobre a semana, as novidades, ou qualquer coisa que elas queiram mostrar ou falar. Durante uma dessas conversas ouvi de dois alunos, irmãos, contarem sobre uma modalidade de jogo de tabuleiro (e *online*, mas isso eu descobriria mais tarde) chamada *Role-Playing Game* – RPG –, e que eles jogavam todas as sextas à noite. Isso fazia com que eles chegassem no sábado com muitas informações sobre a partida épica (que eram todas) da noite anterior. Toda a turma manifestou interesse em entender esse jogo. Então, o momento de conversa se tornava um pouco mais longo do que costumeiramente. Em um determinado momento, foi relatado por eles que haviam convidado uma amiga para jogar, e ela jogaria com eles de modo *online*, isso me deixou com uma pulga atrás da orelha. Ora, se era um jogo de tabuleiro, como isso poderia acontecer?

Fui atrás de mais informações sobre esse tal jogo e descobri que ele também poderia ser cem por cento *online* e isso não saiu mais da minha cabeça. Se seria possível o jogo ser *online*, jogá-lo com as crianças em algum momento iria se tornar uma realidade, já que estavam todas tão interessadas e curiosas com os relatos das partidas de Ivo e Oto.

Mas, afinal, o que é o *Role-Playing Game* e como eu transformaria esse jogo popular entre os *geeks* em uma aula de teatro?

*Role-Playing Game* em resumo é um jogo em que os e as participantes interpretam suas personagens, criam e compõem narrativas que giram em torno de uma narrativa criada por quem estiver mestrando a mesa, o “mestre” ou a “mestra do jogo”, que é a figura que cria uma história, apresenta o enredo aos e às participantes que constroem suas personagens previamente por meio de uma ficha e assim segue alimentando a história com desafios, aventuras, batalhas etc., como bem diz André Sarturi:

No RPG, temos papéis no sentido social (papel do mestre, dos jogadores, dos NPCs, etc) e temos personagens quando os jogadores investigam possibilidades de elaboração de seus seres ficticiais e de suas fichas. A ficha brinca com o universo do papel, é papel no sentido literal, mas induz a uma máscara, uma persona. (SARTURI, 2012, p.40).

O mestre (ou a mestra) é a figura de poder no sentido social, ele ou ela tem a liberdade de alterar a história e pode delicadamente indicar o caminho aos e às jogadoras, que, por sua vez, fazem todas as escolhas do jogo de acordo com a origem de sua personagem. Existem várias possibilidades e tipos de personagens, e o ou a jogadora pode consultá-las no livro do jogador, mas, por exemplo: bruxas/bruxos, elfos, feiticeiras/os, cada personagem tem um estilo diferente, e isso é predestinado na escolha do/a mesmo/a. Cada “tipo” de personagem possui linhagens diferentes, traz personalidades, armas, habilidades e proficiências distintas. As escolhas das personagens acontecem previamente por meio de uma ficha que facilita sua visualização e tudo o que essa personagem pode oferecer para quem está jogando, como diz Sarturi (2012). A ficha, portanto, é literalmente um papel, mas o jogador ou a jogadora por trás dela cria a persona dessa personagem, e por mais que existam as linhas e pré-destinações para essa figura, quem está por trás dela é quem decide seu destino a partir do jogo.



Há algumas modalidades de RPG. Ele pode ser jogado presencialmente com um tabuleiro, ou em um formato *live action* (jogadores e jogadoras representando exatamente o que suas personagens fariam) e também pode ser *online*. O jogo conta



com o sistema de rolagem de dados para que aconteçam as batalhas e escolhas, e também há os níveis nos quais a pessoa jogadora evolui com sua personagem a partir das batalhas vencidas e no decorrer da campanha. No fim, tudo pode estar à mercê da sorte. Parece confuso? É um pouco mais do que se parece, é o tipo de coisa que você só consegue entender ao passo que joga, e eu sei disso porque para ter mais propriedade sobre o jogo e suas regras me aventurei em uma mesa de RPG *online*. Eu tive que fazer isso.

Coloquei em minha cabeça que, para jogar com as crianças, eu teria que passar por uma experiência também, como Ivo e Oto, e a única forma de isso acontecer seria jogando, então, procurei por grupos de RPG *online* e minha procura durou somente algumas horas até que eu encontrasse um mestre de mesas que já havia mestrado muitas campanhas (que são as narrativas em sua totalidade. Pensando em um jogo de xadrez, a campanha seria como uma partida) antes. Ele não estava com nenhuma campanha ativa no momento, mas fez questão de me ajudar nesse desafio e procurou pessoas que já eram experientes em RPG para montar uma campanha nova. Foi uma experiência muito mais complicada do que eu achei que seria. Eu precisei ler regras de um livro chamado “Livro do Jogador”, e trata-se de um gigantesco, mas nele tem literalmente TUDO o que um jogador ou uma jogadora precisa saber, cada feitiço, poder, arma, personagens, proficiências, regras em geral... está tudo ali e funciona como um livro de consulta. Eu estou tentando fazer o meu melhor aqui, explicando para você que está lendo isso o que é um jogo de RPG, mas eu não saberei dar todos os detalhes de fato, pois entrei no jogo para fazer uma pesquisa sobre o método que é utilizado, pensando que seria possível reproduzir o jogo de todo igual com minha turma de crianças, mas, naquele momento, ter que ler um livro de regras não era algo facilitador. A escolha de personagens e suas origens, feitiços e armas eram extremamente complexas para mim que era uma leiga e a rolagem de dados *online* era recurso da própria plataforma virtual que nós nos encontrávamos – *Discord* – e seria inviável trocar o aplicativo que usava com minhas crianças.

O *Discord* é uma plataforma/aplicativo criada exclusivamente para chamadas de voz com exibição de imagens muito usada pelos e pelas *gamers*. Ela é uma facilitadora,



pois tem recursos que os jogos *online* precisam para acontecerem, visando que o importante em um jogo *online* é a comunicação por voz. Nessa plataforma, chamadas de vídeo não são tão usuais, o que faz com que a qualidade não seja boa também.



Figura 4: QR CODE que leva ao material do processo “Os Caçadores de Cristais”.  
Fonte: Acervo pessoal.

Eu me diverti bastante jogando. O enredo escolhido pelo mestre de mesa foi datado em uma era medieval e todos e todas as jogadoras eram *vikings*. A priori a missão era salvar a vila, mas ao final da campanha, que durou mais ou menos dois meses, sendo uma partida por semana, a história teve um *plot twist*, que é “uma mudança radical na direção esperada ou prevista da narrativa de um romance, filme, série de televisão, quadrinho, jogo eletrônico ou outra obra narrativa”, segundo o portal do Wikipedia, e a minha personagem descobriu que era filha do rei que havia acabado de passar dessa para melhor, ou seja: ela teria que ficar com o trono. A história acabou assim, com esse suspense e gancho para uma segunda campanha que até hoje não aconteceu.

Dentro de uma campanha de RPG eu consegui entender como as coisas aconteciam. O tal “Livro do Jogador” que tive que ler algumas partes me ajudava muito em várias questões e o mestre da mesa sempre esteve disposto a me ajudar, aliás, ele sabia que eu estava jogando com o intuito de pesquisar e por várias vezes me pediu para

que eu relaxasse e me divertisse mais, que eu deixasse a minha personagem me guiar pelo jogo e parasse de pensar racionalmente. Isso é engraçado dizer, pois eu pensei que, como atriz, seria muito mais fácil interpretar uma personagem em um jogo *online*, o que foi um pouco mais complicado do que eu gostaria de admitir.

O fato é que o RPG tem milhões de regras grandes e outras milhões de pequenas regras que você só descobre na hora que alguém diz “você não pode fazer isso” ou “não dá para usar esse feitiço agora”, e de fato são as regras, mas tenha na cabeça que elas aparecem do nada e você terá que lidar com o fato de que você não tem controle do que vai acontecer, afinal, temos um grupo jogando e todos e todas irão fazer escolhas diferentes sempre que possível.

Depois de algumas partidas com a campanha oficial eu me senti um pouco mais familiarizada com o estilo do jogo e também com mais confiança em relação a ele.



A ideia inicial era finalizar uma campanha como jogadora para depois começar meu processo com as crianças, processo no qual eu seria a mestra de mesa, mas uma campanha de RPG pode durar anos à fio, tudo depende da vontade dos e das jogadoras e do ou da mestra, e a nossa ia durar mais do que eu estava esperando, então, comecei a escrever a narrativa do processo das crianças naquela que mais tarde seria “Os Caçadores de Cristais”.

O que realizei com a turma foi inspirado em elementos do sistema do RPG *online* e de mesa e também da abordagem do Drama. Em relação aos aspectos do RPG utilizados, estavam: o estilo da narrativa, os papéis sociais e ficha de personagens. Já em relação às convenções exploradas do Drama, destaco: exploração de contexto ficcional, participantes vivenciando papéis, professora-personagem, episódios e estímulo composto.

Vale destacar que eu não me preocupei em fazer um processo de Drama ou uma campanha de RPG, estava disposta em criar junto às crianças uma vivência teatral em processo que fosse significativa para as crianças participantes, em que a exploração de ficcionalidades, presentes nas duas abordagens, fosse as águas nas quais iríamos fazer nosso mergulho.

O contexto ficcional é um dos elementos fundamentais do Drama. De acordo com Simões:

O contexto ficcional permite a exploração de temas e assuntos relativos a um outro lugar, diferente de nosso cotidiano. A delimitação do contexto propicia que os participantes sejam transportados metaforicamente para esse outro lugar, onde as investigações acontecem. O tema a ser explorado é desdobrado, ao longo do processo, em situações e circunstâncias dramáticas que compõem os episódios, levando à construção de uma narrativa teatral. (SIMÕES, 2013, p. 67).

Para poder transportar as crianças para um outro lugar optei por uma narrativa que investigasse o universo mágico. Pensei que as crianças também gostariam desse tipo de história e me debrucei nisso. No começo da criação do primeiro episódio eu pensei que seria mais prazeroso se eu continuasse a enviar alguns estímulos compostos devido a experiência do meu primeiro processo, pois constatei que as materialidades fazem toda diferença, uma vez que consegue aproximar o ou a participante ao processo, ainda mais nesse contexto de pandemia, em que todos estávamos isolados em nossas casas há algum tempo. Traria uma experiência de jogo completa às crianças, e isso era exatamente o que eu buscava. Os estímulos compostos foram muito importantes nos processos de Drama que desenvolvi. Eles fazem com que a narrativa aconteça com mais facilidade e criatividade dentre os e as participantes. Perceba que eu escrevo sobre materialidades e estímulo composto. A princípio eles podem parecer ter o mesmo significado: adicionar um elemento a mais à narrativa, mas indo um pouco mais a fundo é possível ver a diferença entre os dois.

A materialidade nada mais é que um objeto na história que pode ou não influenciar na narrativa. Isso me lembra de quando saímos coletando coisas pelo caminho da praça no Drama nº 1. Muitas das materialidades coletadas foram para o lixo sem serem usadas atravessarem a história.

O estímulo composto é algo preparado *exclusivamente* para a narrativa. A importância dessa preparação é destacada no pensamento de Heloise Baurich Vidor, quando ela diz:

O cuidado na preparação dos objetos que vão compor o pacote de estímulos é o que faz com que os materiais se transformem em materialidades na medida em que eles ganham uma dimensão sensível dentro do drama, ajudando a compor a atmosfera cênica do processo. (2020, p. 380)

É necessário criar um elemento que cause impacto nos e nas participantes e que converse com a narrativa que já está sendo construída, Vidor (2020, p. 379) ainda diz que “[...] Se o processo trata de um acontecimento em um período histórico remoto, os objetos devem receber um tratamento adequado, que remeta à época em questão”. Isso é para que não seja uma materialidade jogada no meio do processo de forma aleatória. O estímulo composto, com o tratamento adequado e quando colocado como parte da narrativa, faz com que as hipóteses e ideias que surgirem a partir de sua investigação se tornem componentes da história, fazendo com que os e as participantes adotem aquele material como um vínculo, seguindo o tema que o processo aborda.

Ao contrário do processo “A carta do Vento”, que eu enviava os estímulos escondidos, pois fazia parte do enredo misterioso, nesse processo dos Cristais eu mesma entregava em mãos para todes. De certa forma isso era uma brecha para que a gente se visse, mesmo que de longe, fora da tela do computador, o que era uma delícia. Encontrar as crianças sempre me dava brecha para escutar alguns comentários sobre o Drama. Eu nem precisava perguntar, pois quando ocorriam os encontros, elas sempre diziam o que estavam achando do nosso jogo e por meio desses relatos curtos (por vezes apressados) eu conseguia entender melhor o que as crianças esperavam do jogo, suas expectativas e desejos. Entendo que em uma campanha de RPG não se preza cumprir nenhum requisito quanto a desejos dos e das jogadoras, mas como professora adaptando o jogo eu apreciava esse momento. Preparar batalhas para uma criança específica, desafios em dupla que poderiam combinar poderes ou armas... gosto de pensar que foi um cuidado que tive com o processo e as crianças jogadoras, que isso é uma forma de somar leveza ao jogo. Nem todos os desejos foram atendidos, pois também é importante lidar com as frustrações, mas acontecia de forma tranquila e era deixado no passado rapidamente, porque o jogo precisava continuar.

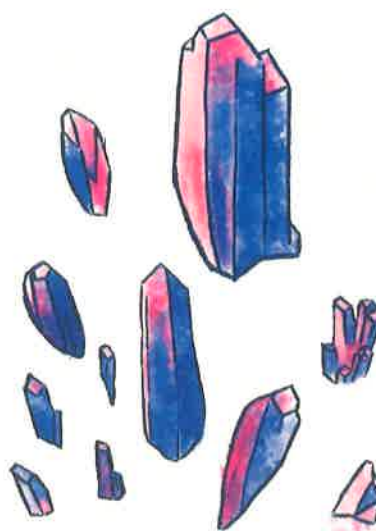
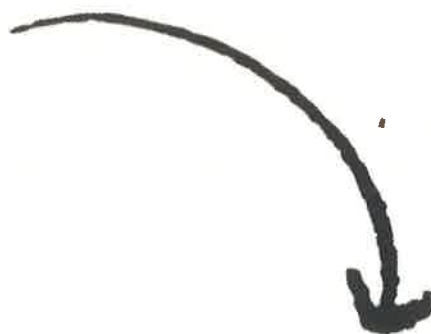
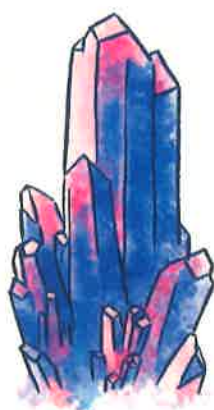
Os estímulos compostos que foram usados foram ambientados na época em que se passava nossa história para que não houvesse “choques de realidades” quando as crianças recebessem os pacotes e fossem para o jogo. Ao total foram dez pacotes enviados, sendo dois no início da história com pedaços de mapa, quatro com os cristais de cada criança e por último um pacote com material que usamos no episódio final.

Eu tenho o hábito de anotar tudo o que precisa ser organizado ou feito. Visualizar me ajuda a pensar melhor nos meus objetivos, então, sempre que preciso (e é sempre), eu anoto. Por conta disso, cumpro um ritual durante todo o jogo: fiz um fichamento manual



de tudo para que fosse mais fácil visualizar durante as partidas caso eu precisasse, desde as fichas das personagens até os planos de aula. Toda segunda-feira eu planejava a aula de sábado e depois das aulas anotava tudo que precisaria para o próximo episódio. Esse espaço de tempo me dava abertura para programar e entregar todos os estímulos compostos que também feitos manualmente por mim, como uma artesanaria teatral.

O primeiro episódio foi um convite para que elas entrassem nessa jornada comigo e, infelizmente, não foi gravado ou fichado, mas o texto-convite que li para as crianças no dia foi esse:





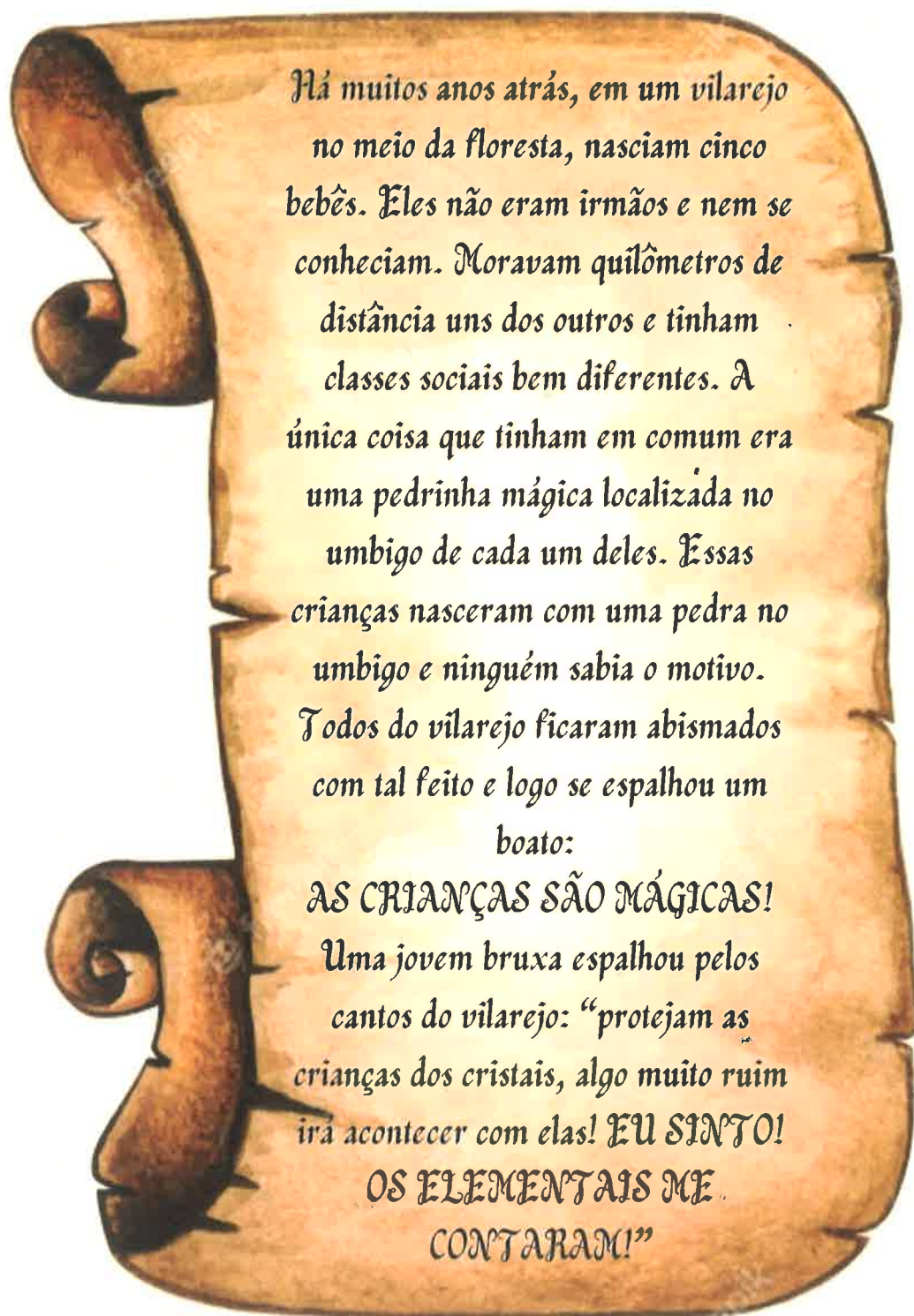
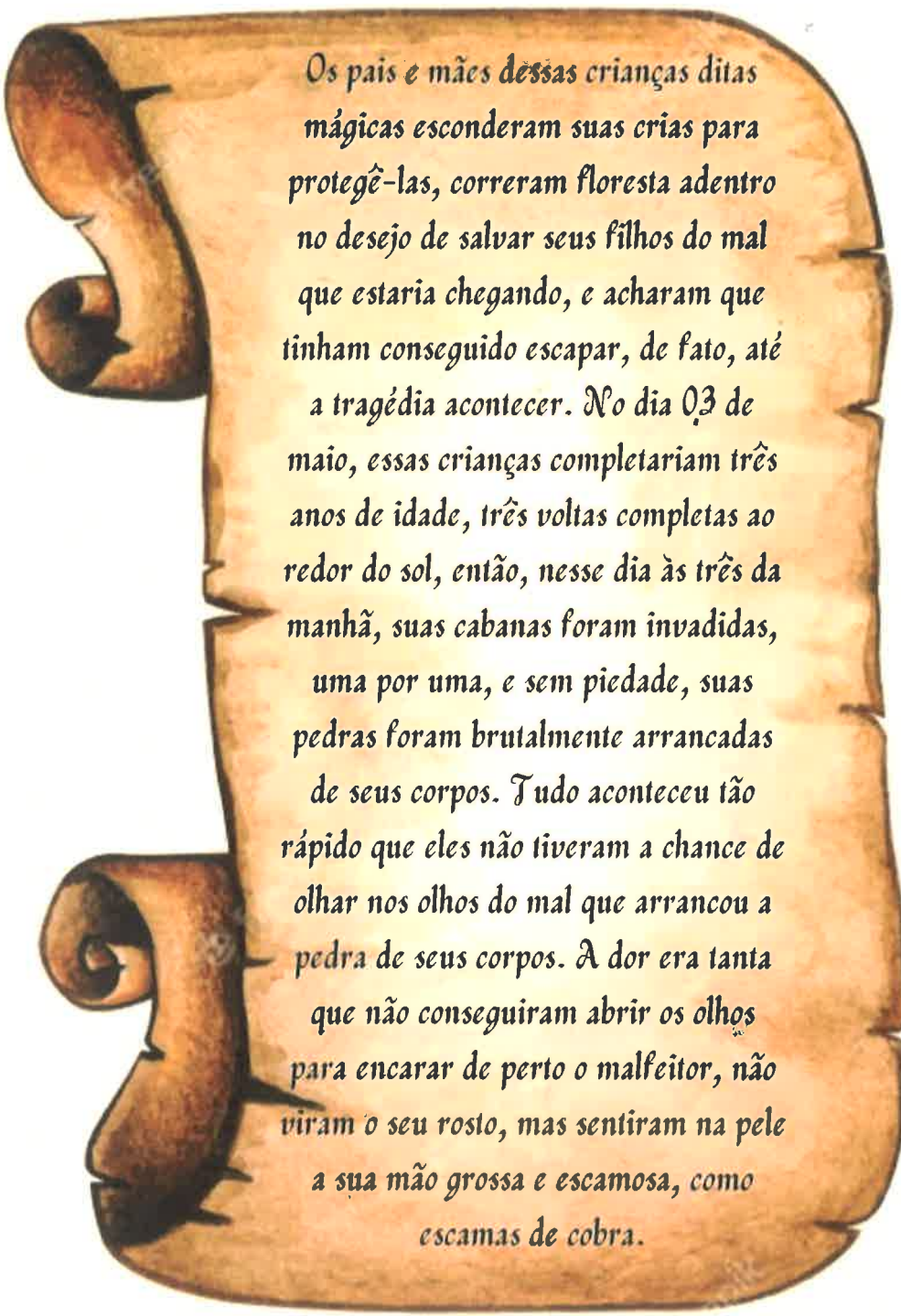
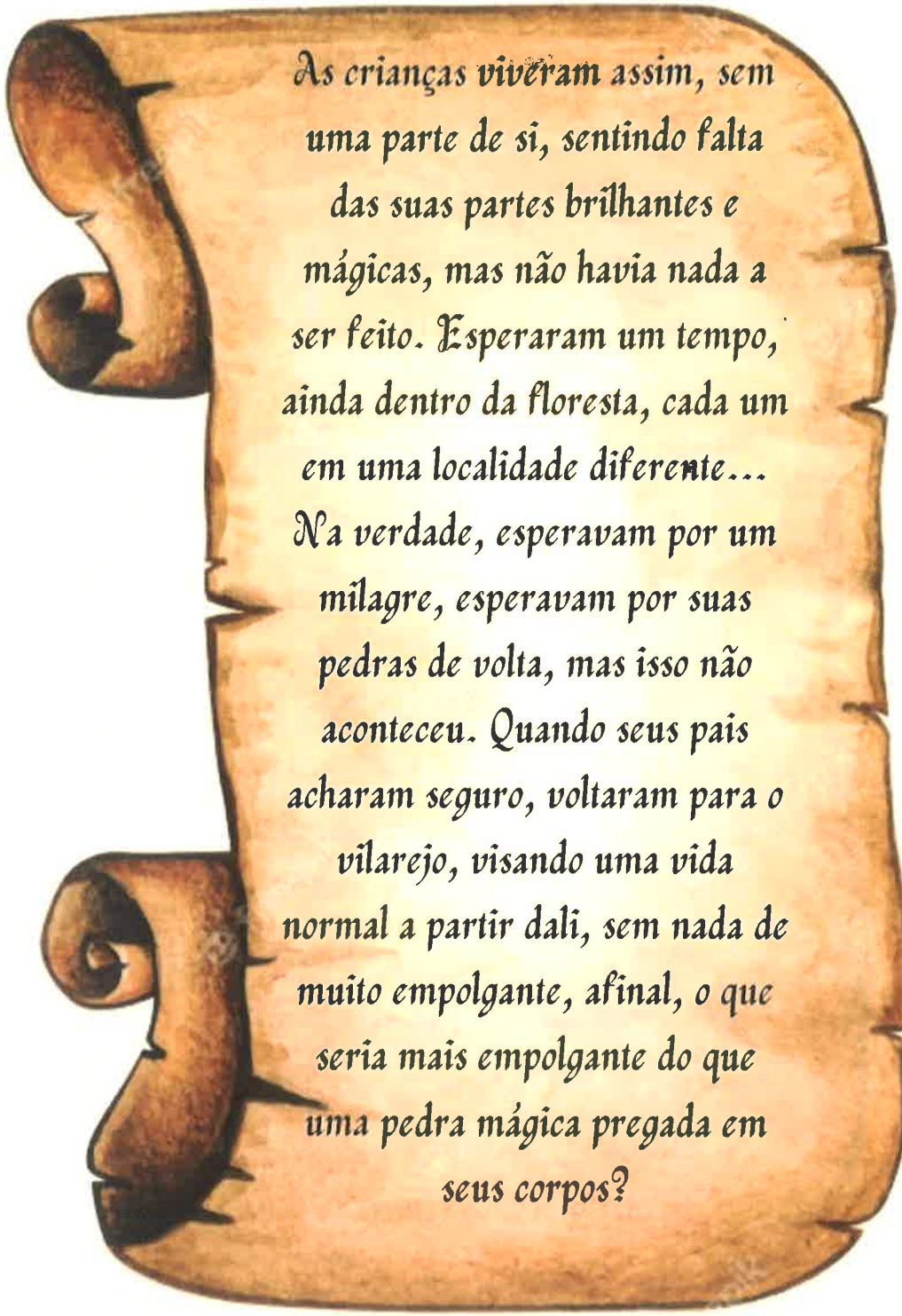


Figura 5: Primeira parte do texto-convite. Fonte: Acervo pessoal.

A scroll with a light brown, parchment-like texture, featuring two large, dark brown, curled-up sections on the left side. The text is written in a black, serif font, centered on the scroll.

Os pais e mães dessas crianças ditas mágicas esconderam suas crias para protegê-las, correram floresta adentro no desejo de salvar seus filhos do mal que estaria chegando, e acharam que tinham conseguido escapar, de fato, até a tragédia acontecer. No dia 03 de maio, essas crianças completariam três anos de idade, três voltas completas ao redor do sol, então, nesse dia às três da manhã, suas cabanas foram invadidas, uma por uma, e sem piedade, suas pedras foram brutalmente arrancadas de seus corpos. Tudo aconteceu tão rápido que eles não tiveram a chance de olhar nos olhos do mal que arrancou a pedra de seus corpos. A dor era tanta que não conseguiram abrir os olhos para encarar de perto o malfeitor, não viram o seu rosto, mas sentiram na pele a sua mão grossa e escamosa, como escamas de cobra.

Figura 6: Segunda parte do texto-convite. Fonte: Acervo pessoal.

A scroll with a light brown, parchment-like texture, unrolled to reveal text. The scroll is tied with a dark brown cord on the left side, forming two loops. The text is written in a black, serif font.

*As crianças viveram assim, sem uma parte de si, sentindo falta das suas partes brilhantes e mágicas, mas não havia nada a ser feito. Esperaram um tempo, ainda dentro da floresta, cada um em uma localidade diferente... Na verdade, esperavam por um milagre, esperavam por suas pedras de volta, mas isso não aconteceu. Quando seus pais acharam seguro, voltaram para o vilarejo, visando uma vida normal a partir dali, sem nada de muito empolgante, afinal, o que seria mais empolgante do que uma pedra mágica pregada em seus corpos?*

Figura 6: Terceira parte do texto-convite. Fonte: Acervo pessoal.



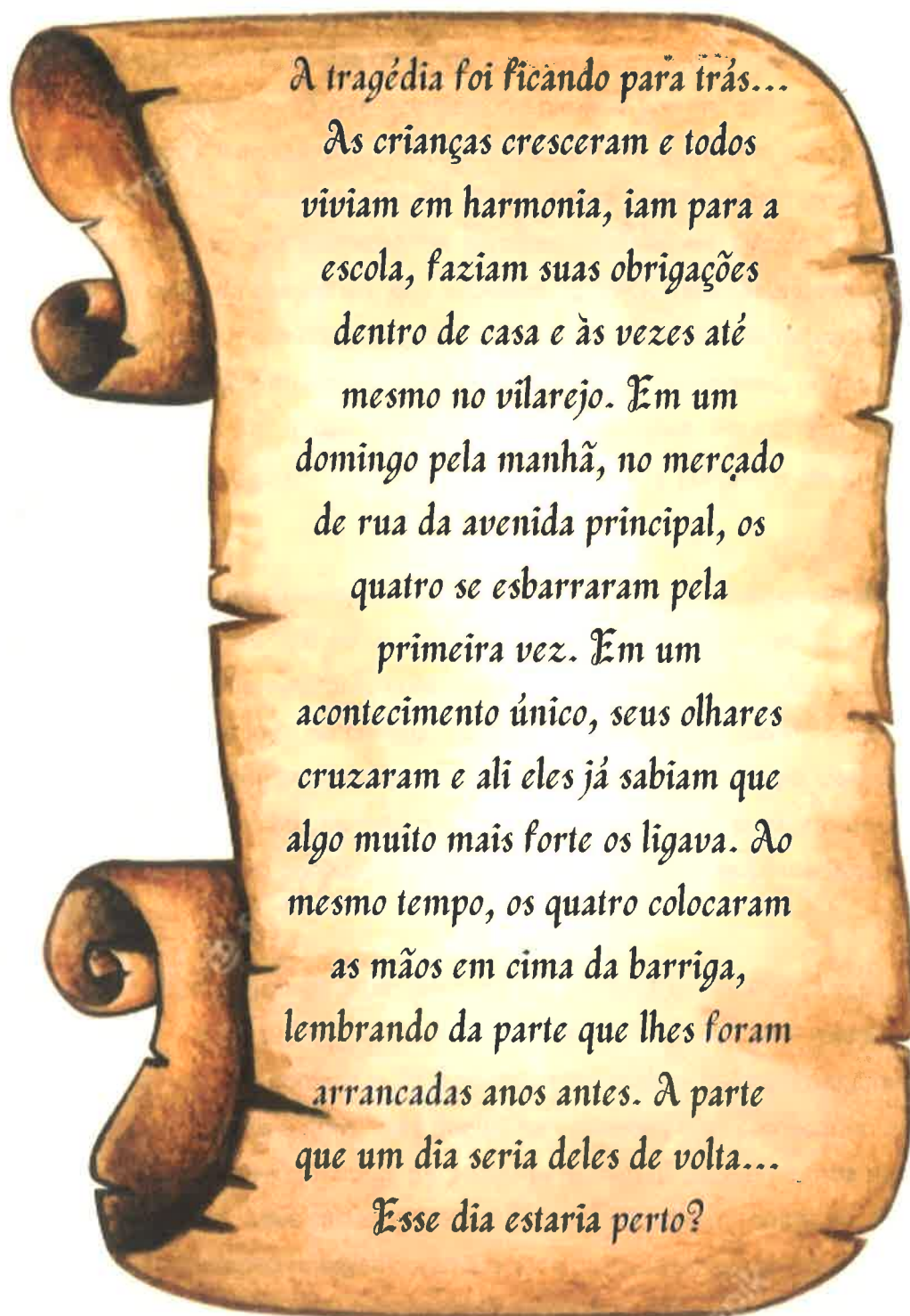


Figura 6: Quarta parte do texto-convite. Fonte: Acervo pessoal.

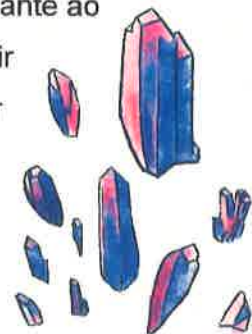
Essa leitura foi feita em uma ambientação também. Lembro-me de usar uma sala escura, com velas, fumaça e música de fundo. Escrevi esse texto na intenção de mostrar para as crianças o universo em que estaríamos entrando a partir dali e também como forma de perguntar se elas queriam isso, se confiariam em mim para conduzi-las para uma atmosfera onde não tínhamos entrado ainda, e para a minha sorte todas disseram “sim”. Essa narração foi a introdução do contexto ficcional do Drama e também a introdução da narrativa da campanha, que acontece no RPG. Vale destacar que no RPG o mestre ou a mestra de mesa cria, antes da campanha iniciar, uma narrativa ficcional na qual o jogo acontecerá. Ele ou ela é a responsável pela forma que essa narrativa chega até o jogador e a jogadora. Então, essa leitura não é simples, ela contém elementos também como ambientação do espaço e mudanças de voz por parte de quem faz a leitura.

Ao planejar as aulas eu sempre inseria um jogo teatral em nosso contexto do RPG e do Drama, por exemplo: “Eu fui à Lua” se transformou em “Eu vou para a caça”. Também usamos muito de partituras corporais que foram pensadas pelas crianças. Eu fiz dessa forma para que logo no começo da aula as crianças pudessem se ambientar com a história. Tentava sempre manter o jogo ativo o máximo de tempo possível, mas passando um ou dois episódios percebi que para elas era difícil ficar dentro do jogo por muito tempo, então, sempre perdíamos um tempo tentando fazer essa mediação dentro e fora do jogo.

Pensando nisso eu fiz uso de um dos recursos do RPG, o *on* e o *off*. Expliquei para elas que *ON* era para quando estávamos dentro do jogo e *OFF* para quando estivéssemos fora dele. No começo o *OFF* aparecia muito para perguntar alguma coisa ou pedir por uma explicação a mais, mas depois de um tempo elas começaram a usar o recurso como estratégia de jogo, como perguntar para mim (professora e não mestra) o que eu acharia melhor elas fazerem ou até para discutirem entre si, fora das personagens, o que cada personagem poderia fazer a partir de um ponto específico. Esse recurso funcionou bem. Ele foi usado conscientemente por todas as crianças, dentro das objeções ou vontades. Como observadora “de fora”, depois de um tempo eu conseguia prever quando pediriam um *OFF*, geralmente nos momentos de conflitos entre as

personagens (o que acontecia bastante). Estar *OFF* sempre ajudava a solucionar o problema e em seguida o *ON* era acionado, e a partir disso não havia mais “Tia Júlia”, era só “Ametista, a guia dos caçadores”. Vale destacar que um processo de Drama pode explorar momentos dentro e fora do contexto da ficção. Para que isso aconteça, diversos recursos podem ser utilizados, tudo depende das escolhas de quem está coordenando o processo, em diálogo com os retornos das e dos participantes.

Ametista foi a minha personagem para o processo e também o nome da minha personagem preferida em “Steven Universe”, uma animação que adoro, e, por fim, também é o nome de uma pedra cuja energia predominante é a proteção. Combinou comigo e com o pré-texto da minha personagem no jogo. Eu era mestra do jogo, mas também era professora-personagem. Segundo Biange Cabral, “Ao assumir um personagem, o professor de imediato obtém a atenção da turma mediante ao impacto visual causado e amplia suas possibilidades de introduzir desafios e/ou informações necessárias ao processo” (2006, p. 20). Por esse motivo escolhi entrar dentro do jogo com as crianças e não simplesmente guiá-las de fora. Atuando como professora-personagem em um status alto (o de guia da história) pude ter um controle maior da situação do processo, por mais que eu não precisasse disso em um primeiro momento. Como eu estava pisando em um território pouco conhecido que era o RPG, eu preferi me manter nesse lugar para que, caso algo acontecesse, eu pudesse usufruir disso, mas quero deixar claro que o jogo poderia acontecer com outra pessoa como mestra. Eu poderia trazer um convidado ou uma convidada como mestra ou até mesmo convidar uma das crianças para esse posto. Ametista guiou os Caçadores pela floresta em busca de seus Cristais. A Júlia entregava os estímulos compostos e o jogo acontecia aos sábados pela manhã.

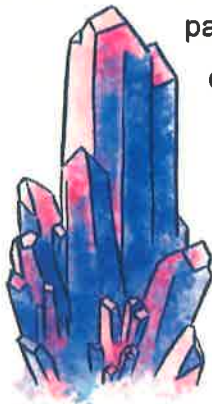


Tentei ao máximo manter os recursos do RPG dentro do jogo, mas logo de início eu já havia entendido que nem tudo poderia ser “migrado” para o Drama. Por mais que algumas convenções sejam bastantes parecidas nem todas eu consegui transformar para que se encaixassem na minha proposta, assim como também não posso afirmar que “Os



Caçadores de Cristais” foi composto por todas as convenções do Drama, mas sim uma mistura das duas abordagens e uma pitada de criatividade desta vos escreve.

Uma partida de RPG é sempre composta por batalhas e questões de sobrevivência dentro do universo em que está sendo representado. As escolhas são feitas pelos e pelas participantes, mas só são creditadas depois de uma rolagem de dados. Então, se a sua escolha é usar um feitiço ou arma em determinado ou determinada oponente, você precisaria rolar os dados para que esse ataque fosse realizado, cujos números que saíssem seriam sua pontuação de ataque. O ou a oponente, por sua vez, também rola os dados, e se o seu número for maior que o dele ou dela, você vence o ataque. Nesse ponto, o RPG e o Drama se distanciam, pois no segundo os caminhos seguidos e escolhas tomadas partem de uma decisão dos e das



participantes, que pode acontecer individual ou coletivamente, ao contrário do RPG, que essa decisão está a cargo dos dados, ou seja, independe da vontade dos e das participantes.

Nós não tínhamos dados em nosso processo, então eu reinventei esse recurso usando fichas de *bom*, *mediano* e *ruim*. Depois de cada escolha no jogo, as personagens escolhiam uma das fichas que eu posicionava virada em frente às câmeras e, então, ficavam sabendo a proporção da escolha tomada. Eu como *teacher-in-role* (professora-personagem) de status alto no jogo usava da minha posição para manter o controle nessas situações e encaminhava a história para o curso que, naquele momento, eu entendia ser o melhor para o aproveitamento de todos e todas na aula, mas podemos chamar isso de uma “pequena trapaça” ... Acho cabe no contexto. Se alguma jogada interessante fosse barrada pela carta ruim eu a mudava de lugar estrategicamente, para que a mediana ou a boa fosse a escolhida. Esse recurso de “pequena trapaça” foi usado poucas vezes, no entanto, e mais para o final da campanha, pois no final eu já estava pensando em uma “apresentação final” de nosso processo e em como faria isso sem quebrar completamente seu fluxo.

Em determinado momento me foi feito um pedido no *OFF*: as crianças queriam uma “batalha final épica” para o nosso último episódio e eu não pude deixar de atender a esse pedido. Pensando sobre o conceito do Drama, nós sabemos que não há roteiros, mas como decidimos juntas que seria uma apresentação ao vivo transmitida pelo *YouTube*, eu achei melhor que tivéssemos um esqueleto de roteiro para ser seguido. Isso deixaria as crianças mais confiantes em relação ao público do outro lado da tela. Eu pensei com bastante cuidado em como levar a ideia adiante. Meu maior medo era que as crianças perdessem as suas ações espontâneas durante o jogo. Se isso acontecesse nós perderíamos a essência do RPG. Perguntei a elas o que achariam interessante como um final e foi proposta uma luta com dragões. Depois questionei sobre como poderíamos iniciar e me disseram que gostariam de começar com suas partituras individuais, como uma apresentação da personagem ao público. Eu sugeri que tivéssemos um momento para o meio da apresentação e pensamos juntas que a passagem por uma ponte caracterizaria bem esse momento, e tudo o que acontecesse entre o início, o meio e o fim, seria jogo e improvisação. Se pensarmos na abordagem do Drama, ela não tem uma apresentação para um público externo ao final do processo. Entretanto, há casos em que uma apresentação acontece após a conclusão do processo, como nos aponta Wellington Menegaz de Paula:

Considero importante ressaltar que essa apresentação é um elemento facultativo, trata-se, na maioria dos casos, de colagem de fragmentos do processo, selecionados pelo grupo, que são apresentados para convidados. Essa apresentação se dá, após o fim do processo, sendo uma espécie de síntese criativa dele. (PAULA, 2016, p. 85).

Era importante para as crianças e para mim a realização dessa apresentação, mas para não perder a essência das abordagens que me inspiravam, o RPG e o Drama, foi que optei por esse roteiro poroso, que desse brechas para a improvisação durante a partilha com o público externo à turma.

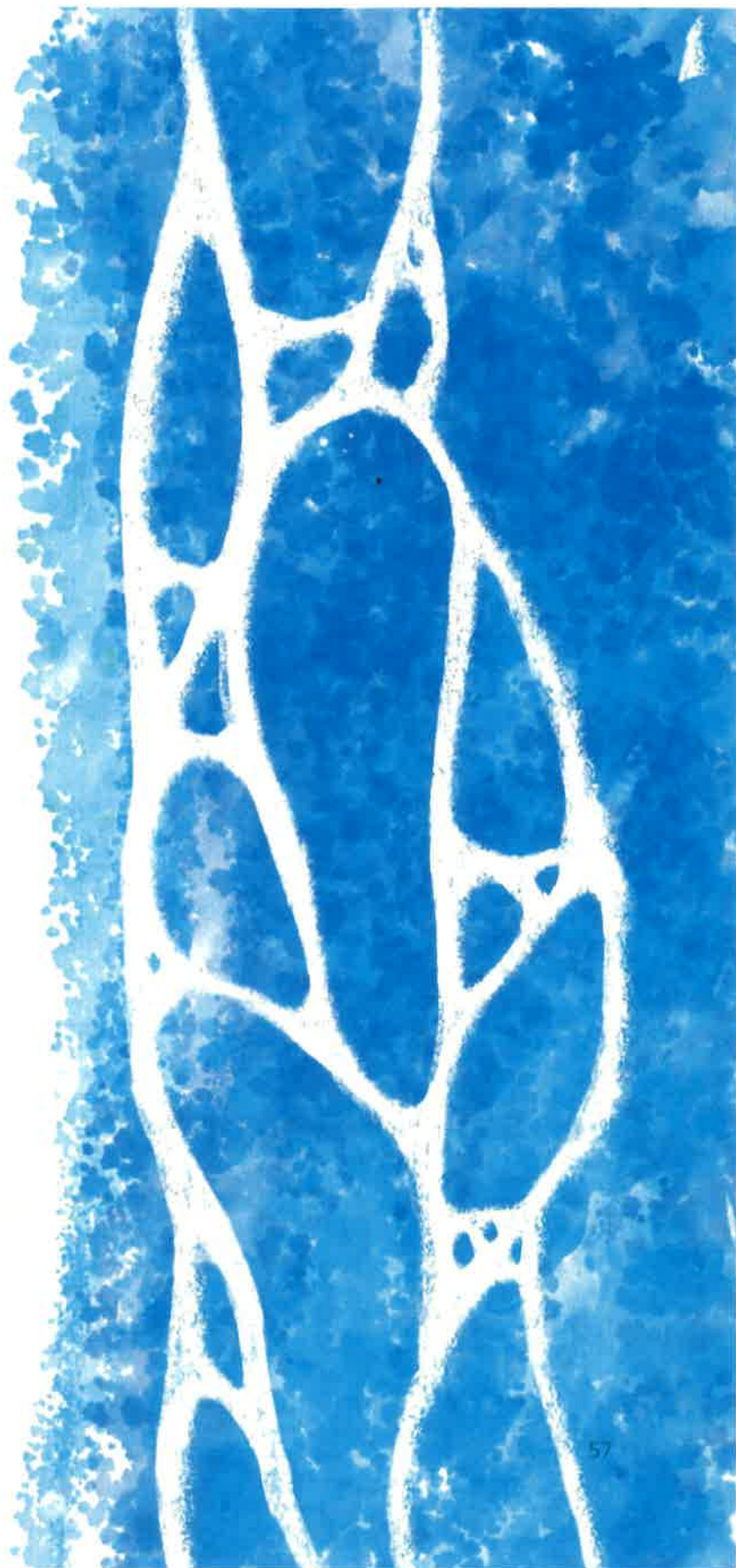
Falar para alguém que está se preparando para entrar em cena “não fique nervoso/a” é bobagem, né? O friozinho na barriga faz parte desses momentos e eu queria

que as crianças sentissem isso. Tivemos que fazer um ensaio com a pessoa que nos ajudaria na parte técnica da plataforma (saídas, entradas, música etc). Atrevo-me a dizer sem medo ou vergonha que foi um desastre completo, mas muito necessário, pois nos ensaios eu expliquei a necessidade da repetição no teatro e que o tédio também fazia parte da diversão às vezes, mas o mais gostoso de ver foi quando a partida final acabou e então o sentimento foi de euforia, a mais genuína possível.

Toda essa montanha-russa de sentimentos foi extremamente significativa e necessária para as crianças que estavam passando por essa experiência pela primeira vez. Elas decoraram momentos, mas não deixaram de jogar e tomar decisões rápidas e precisas no meio do jogo. Nosso último episódio foi exibido ao vivo e ao final havia confete por todo lugar, infelizmente, em cinco lugares diferentes da cidade de Uberlândia.

*interlúdio*

*nº 4*





Esse não é um trabalho sobre a vida marinha, de jeito nenhum. Mas há algo que preciso deixar registrado antes que tudo acabe. As baleias precisam de ar. O seu pulmão gigantesco em algum momento pede por oxigênio e é aí que a mágica acontece. Ao chegar à superfície, o seu orifício respiratório é a primeira parte do corpo que sai da imersão na água e, em fração de segundos, quando percebem o ar exterior, esse orifício se abre, colocando para fora o ar antigo e buscando o novo. Esse processo todo faz com que o ar entre em contato com a água da superfície e forme um chafariz, e, então, o ar novo pode entrar. A cada inalação as baleias conseguem renovar 90% do ar em seus pulmões, ao passo que nós, humanos e humanas, só conseguimos 15% deste feito. Algumas espécies conseguem ficar até uma hora e meia sem respirar.

Uma

Hora

E

Meia

Sem

Respirar.



Às vezes, quando o ar para na garganta por alguns segundos, me parece uma hora e meia entalada com o ar antigo sem poder buscar o novo. Não é uma experiência mágica quando acontece com quem só tem capacidade para 15%, certo? Se pudesse encher meu pulmão com 90% de ar, eu conseguiria chorar por horas sem doer o peito, rir sem faltar ar, mergulhar sem ter que me preocupar e, provavelmente, ao contrário do que pode parecer, isso me faria sentir menos viva...



No final de tudo, é preciso que falte ar em algumas situações.

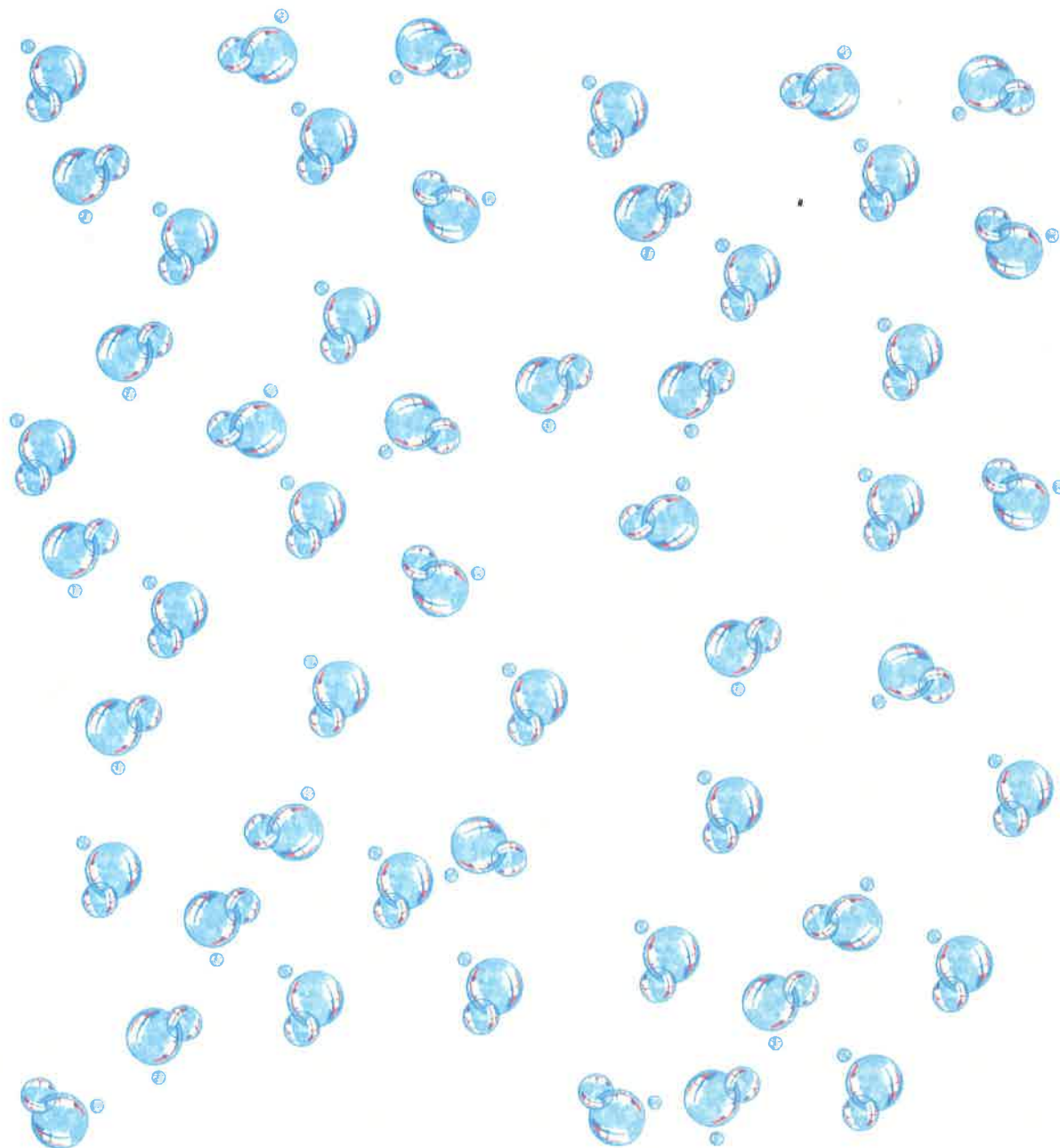
Antes do ar acabar, as baleias emergem imediatamente até a superfície e repetem esse processo enquanto estiverem vivas, substituindo o antigo pelo



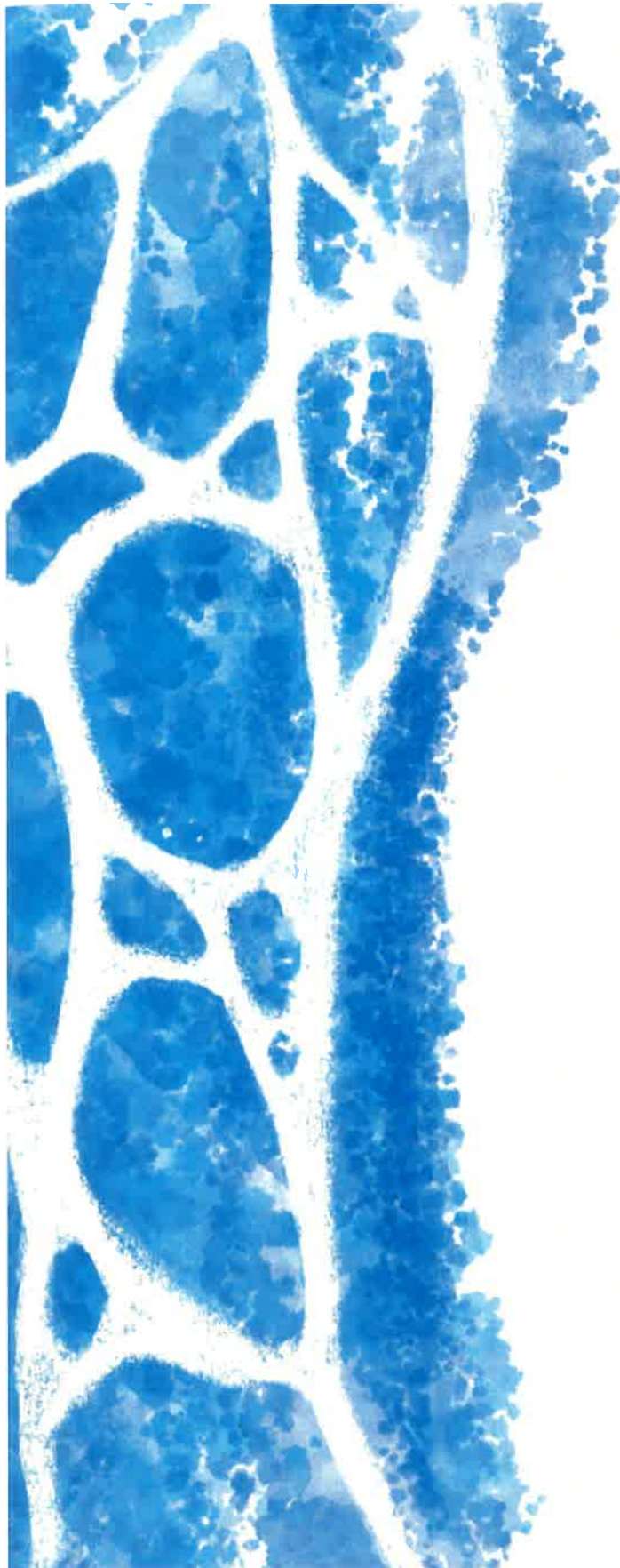
novo e voltando para a imensidão escura do mar. A cada imersão é como se estivessem vivendo a primeira vida de novo.



Essa não é a minha primeira vida, mas, às vezes, é como se fosse.







5.

*mergulho final*

*(não o ultimo)*

O confuso de ser arrastada por uma onda não é não saber para onde ela vai, e sim não saber quando vai parar de ir mais fundo, mais adentro, mesmo que lá não seja de todo ruim (depende da perspectiva que você olha). Olhar a imensidão do fundo do oceano pode ser reconfortante. Há conforto no fundo. Um lugar quentinho para ficar quieta ou quieto e pensar, sem o desespero da água misturada com vento da superfície. Eu fui fundo. Levei muita gente para o fundo do oceano comigo. Tenho muita coisa guardada no fundo agora.

Durante os três mergulhos eu tive que me reinventar de algumas formas. Comecei sem saber para onde ia ou onde iria parar e, ao final, percebi quanta coisa essa confusão tinha virado. Ter que dar aulas remotas de repente foi um susto que eu pensei que não conseguiria lidar, muito menos fazer com que isso realmente fosse prazeroso, o que de fato foi, então, é engraçado olhar, rever vídeos e fotos e pensar: eu fiz tudo isso mesmo? Cinco pessoas pequenas confiaram em mim e eu fui (pro)fundo com elas, para que uma boa experiência fosse criada e vivenciada. Uma memória quentinha em seus corações será acionada quando alguém lhes disser a palavra “teatro”. E se havia alguma dúvida antes se o que eu fiz foi teatro, agora não há mais. O que fizemos foi teatro pelo simples fato de que isso nos atravessou, fez mudanças por dentro. As crianças que estavam comigo tiveram suas vozes escutadas e a cada discussão sobre qualquer elemento do jogo isso ficava mais evidente para mim. Quando elas faziam suas próprias escolhas, quando decidiam o caminho que queriam seguir, isso tudo não saiu de mim e sim delas, que verdadeiramente protagonizaram o jogo.

O que aconteceu na última campanha, “Os Caçadores de Cristais”, foi uma mistura de Drama e RPG e não um *ou* outro. Não houve momentos em que era só Drama ou só o RPG. Foi construído um novo modo de fazer os dois jogos, com nossos próprios conceitos e convenções baseados naquilo que já existe de um e de outro e que nos é possível acessar através de literaturas e referências.

Sair da zona de conforto foi necessário para mim como professora. Eu descobri que posso alcançar minhas alunas e alunos de diversas formas, que é possível fazer

acontecer qualquer coisa de lugares diferentes e manter uma linha de pensamento única. É um trabalho árduo, mas possível.

O trajeto até aqui foi rodeado de crianças por escolha minha. Eu sou a culpada disso tudo, confesso. Eu sempre gostei de como as crianças conseguem ressignificar o mundo com tanta facilidade. Observá-las brincando, criando suas próprias histórias e narrativas, me encantava tanto que eu tive que entender de pertinho como funcionava para elas. A minha vontade de conviver com as crianças para poder aprender a ressignificar o mundo, como elas fazem, é constante. É viva. Está em movimento.

Durante esse tempo eu fiz muito isso, aprendi com cada serzinho que passou por mim e que esteve comigo. Fiz com que o meu tempo com elas, por mais que fosse um tempinho, durasse muito, para elas e para mim. A importância de tudo que vivi até aqui é inegável. Com o tempo fui aprendendo na vivência o tipo de professora que eu quero ser, lidando com tudo que pudesse aparecer em meu caminho como a pessoa que eu desejo ser enquanto estivesse na sala de aula.

O que eu sou hoje.

Nesse último capítulo eu não concluo nada. Só posso fechar esse ciclo que vivi, pois esse mergulho não está completo como outros, eu ainda estou em fase de queda até o fundo, e antes de chegar lá outras ondas virão e meu caminho irá mudar. Pretendo continuar trabalhando com crianças e aprendendo com elas, deixando que elas me guiem em caminhos que eu não pensei ou penso, me fazendo perguntas íntimas demais para que eu possa responder ou perguntas que não tem respostas, porque eu tenho a impressão de que, por mais que eu faça outras escolhas e siga outros caminhos, como uma Jubarte, eu tenho o meu lugar no meio do oceano.



Você consegue ouvir os meus hertz daí?

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. 2. Ed. Florianópolis: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. **O jogo teatral no contexto do drama**. Uberlândia: Fênix - Revista De História E Estudos Culturais, 7(1), 1-17, 2010. Disponível em <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/234>. Acesso em: 10/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Drama: mapeando percursos**. São Paulo: Revista A(L)BERTO, v. 6, p. 104, 2014.

MENEGAZ, W. **Perspectivas do Drama no Brasil**. Uberlândia: Revista OuvirOUver, 16(2), 363-374, 2020. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/58040>. Acesso em: 10/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Distritos 2.217: um processo de drama com adolescentes**. Florianópolis, 2019. Florianópolis: Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 3, n. 36, p. 326-339, 2019. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/15934>. Acesso em: 10/10/2021.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **“Professor personagem” como estratégia de mediação para o Ensino do Teatro na Educação Infantil**. Uberlândia: Revista OuvirOUver, 16(2), 392-405, 2020. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/53887>. Acesso em: 10/10/2021.

SARTURI, André. **QUANDO OS DADOS (NÃO) ROLAM: jogo, teatralidade e performatividade na interação entre o role-playing game e o process drama**. Florianópolis, 2012.

SOMERS, John; CABRAL, T. B. **Narrativa, Drama e Estímulo Composto**. Florianópolis: Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 2, n. 17, p. 175-185, 2011. Disponível em

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011175>.

Acesso em: 10/10/2021.

VIDOR, Heloise Baurich. **Uma lady Macbeth: Da pedagogia ao palco**. Florianópolis: Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 17, p. 079-085, 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011079>.

Acesso em: 10/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Sobre as materialidades na aula de teatro: vestígios do drama na prática de uma professora-artista**. Uberlândia: Revista OuvirOUver, 16(2), 375-391, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/53421>.

Acesso em: 10/10/2021.



